



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Indústria Automobilística em Goiana/PE:
trajetórias de vida e relações de trabalho

Ernestina de Freitas Giles

Recife
Outubro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Indústria Automobilística em Goiana/PE:
trajetórias de vida e relações de trabalho.

Ernestina de Freitas Giles

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Maurício Sardá de Faria.

Recife
Outubro de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

E71ii Giles, Ernestina de Freitas
Indústria Automobilística em Goiana/PE: trajetórias de vida e relações de trabalho / Ernestina de Freitas Giles. -
2022.
60 f.

Orientador: Mauricio Sarda de Faria.
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em
Ciências Sociais, Recife, 2023.

1. Nordeste. 2. JEEP. 3. Relações de Trabalho. 4. Subordinação. I. Faria, Mauricio Sarda de, orient. II. Título

CDD 300

Indústria Automobilística em Goiana/PE: trajetórias de vida e relações de trabalho.

Monografia aprovada em 14 de outubro de 2022, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria, Orientador

Nota _____

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva

Nota _____

Prof. Dr. João Moraes de Sousa

Nota _____

AGRADECIMENTOS

Diante de um momento tão conturbado na história de nosso país ter chegado até aqui é um grande privilégio, que deveria ser um direito para todos. Para isso, foi preciso romper com diversas barreiras impostas a nós que vimos da periferia, seja pela condição de raça/cor, classe ou gênero, o que nos faz chegar nas Universidades de forma tardia, mas sem desistir dos sonhos. A falsa meritocracia passou a ser rompida por meio de Políticas Públicas de inserção dos mais pobres às Universidades por meio do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Filha de uma empregada doméstica e um carpinteiro, a terceira da família, composta por sete irmãos, a fazer um curso superior e a segunda a cursar em uma Universidade Pública Federal. Não poderia ter escolhido outro curso, pois não escolhi Ciências Sociais, ela que me escolheu. Em minha trajetória de vida estive sempre ligada aos movimentos sociais e de bairro com um olhar sempre crítico à realidade que se colocava, todavia sem ter a expectativa de um dia obter a formação superior, algo que era visto com grande distanciamento.

Esses anos vivenciados na Universidade Federal Rural de Pernambuco, posso dizer que não poderia ter escolhido outra Universidade, pois não são os espaços ou normas que constroem uma sociedade ou organização e sim as relações. Além, da estrutura, o corpo de professores que sempre buscam está à disposição dos alunos, possibilitando a troca de conhecimento o que contribuiu para a produção e publicação de artigo na revista do curso, a Caboré organizada pelo querido Prof. Marçal.

Mudar a trajetória de vida não é algo simples, em nossa caminhada muitas vezes solitária vai se somando a outras, o que nos dá força e confiança para continuar a caminhada, como de meu grande amigo Ernandes L. Tavares Silva pelas conversas e apoio no nosso dia a dia, os debates que quase sempre se pautavam pelo “metal redondo e papel pesado”. A nossa queridíssima Prof. Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva-Dora, que sempre esteve presente em nossa caminhada..

A Prof. Roseana Medeiros, que traz todo um encanto ao curso. Ao meu orientador Maurício Sardá de Faria que com muita atenção e paciência foi me conduzindo a essa pesquisa, que não pretendo esgotar aqui. Ao prof. João Morais, pelas caronas e pelos diálogos de pertencimentos. A Prof. Alexandra Uchôa por sua atenção em momentos tão difíceis como foi a pandemia. A Prof. Gabriella M^o Lima Bezerra, por toda sua atenção e

carinho. A nossa querida técnica Cristiane de S. Pchêco a maior torcedora do curso. A Prof. Jessica Oliveira do IFPE-Paulista, pelo incentivo à escrita. A Iraci Nicolau, por suas palavras de incentivo e de esperança.

O ato de agradecer é sublime, pois mesmo que muitas vezes não entendamos nosso processo, outros vem em nosso encontro dando sentido a nossa caminhada. Aqui fica registrado, meu total agradecimento aos meus familiares, amigos e mestres. As Dificuldades vão sendo rompidas na busca de uma sociedade mais sensível às condições humanas.

Lista de Abreviatura

APA - Área Proteção Ambiental

BNDES - O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CSN - Cia. Siderurgia Nacional

CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe ou Comissão Económica para a América Latina

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

EUA- Estados Unidos das Américas

FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

FECOMÉRCIO-PE- Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco

FMI - Fundo Monetário Internacional

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste

IBGE - O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IFOCS - Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

IFPE - Instituto Federal de Pernambuco

OMC- Organização Mundial do Comércio

PLR ou PL - Participação nos Lucros e Resultados

PRODETUR- Programa de Desenvolvimento do Turismo

PAC - Plano de Aceleração do Crescimento

PIB - Produto Interno Bruto

SEBRAE -Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas

SINDMETAL- PE- Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Pernambuco

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste

RESUMO: A presente pesquisa buscou compreender as novas relações sociais e de trabalho que vem se configurando no polo industrial de Goiana e os significados que lhe são atribuídos pelos/as trabalhadores/as a partir das suas trajetórias de vida e trabalho. O Estudo foi desenvolvido a partir do projeto de iniciação científica intitulado: O Polo Goiana: A recente industrialização da Mata Norte, as novas dinâmicas socioeconômicas e a reconfiguração das relações de trabalho, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria, nos anos de 2019 a 2021. Procuramos compreender as transformações e as novas dinâmicas socioeconômicas que vêm se processando na Mata Norte de Pernambuco, a partir da implantação de grandes unidades industriais, especialmente o Grupo Stellantis (JEEP) e o Polo Automotivo na região inaugurado em 2015, com um conjunto de 18 empresas sistematizadas e a criação de 14 mil novos empregos diretos no território. Em seu processo produtivo, a JEEP utiliza tecnologia de ponta na produção automotiva, com linhas automatizadas e robotizadas. A industrialização recente da Mata Norte vem modificando a paisagem do território. A cidade de Goiana/PE possui 75,664 hab (IBGE, 2010) e se configurou historicamente como uma cidade rural, marcada pela cultura da cana-de-açúcar, e vem vivenciando essas transformações com o aumento da pressão para novos investimentos e alcance dos serviços públicos. Com o uso do método qualitativo de análise de conteúdo, destacamos algumas questões e indicações aproximativas das relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores, como: a trajetória comum que naturaliza o trabalho desde a infância para contribuir com a renda familiar; a aquisição de status social diferenciado adquirido com a inserção em uma grande indústria transnacional; a pressão no processo de trabalho para o cumprimento das metas, que prejudica a segurança do trabalhador em troca da produção; formas de preconceito e assédio moral, como fatores de subordinação.

Palavras-chave: Nordeste, JEEP, Relações de Trabalho, Subordinação.

ABSTRACT

This research sought to understand the new social and work relationships that have been configured in the industrial pole of Goiana and the meanings attributed to it by the workers from their life and work trajectories. The Study was developed from the scientific initiation project entitled: The Goiana Pole: The recent industrialization of the North Forest, the new socioeconomic dynamics and the reconfiguration of labor relations, under the guidance of Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria, in the years 2019 to 2021. We seek to understand the transformations and new socioeconomic dynamics that have been underway in the Northern Forest of Pernambuco, from the implementation of large industrial units, especially the Stellantis Group (JEEP) and the Automotive Pole in the region inaugurated in 2015, with a group of 16 system companies and the creation of 14,000 new direct jobs in the territory. In its production process, JEEP uses state-of-the-art technology in automotive production, with automated and robotic lines. The recent industrialization of the North Forest has been changing the landscape of the territory. The city of Goiana/PE has 75,664 inhabitants (IBGE, 2010) and has historically configured itself as a rural city, marked by the sugarcane culture, and has been experiencing these transformations with increased pressure for new investments and the reach of public services. With the use of the qualitative method of content analysis, we highlight some questions and approximate indications of the work relationships and living conditions of workers, such as: the common trajectory that naturalizes work since childhood to contribute to family income; the acquisition of differentiated social status acquired with the insertion in a large transnational industry; the pressure in the work process to meet the targets, which harms the safety of the worker in exchange for production; forms of prejudice and moral harassment, as factors of subordination.

Keywords: Northeast, JEEP, Labor Relations, Subordination.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO		p. 11
2	O TRABALHO NO CAPITALISMO		p. 16
2.1	Trabalho e Capitalismo nas Sociedades contemporâneas		p. 16
2.2	Processos e Relações de Trabalho		p. 20
3	A JEEP EM GOIANA/PE: RELAÇÕES DE TRABALHO E DE VIDA		p. 25
3.1	O Trabalho no Nordeste: cana de Açúcar e Indústria		p. 25
3.2	A Implantação da Jeep		p. 32
3.3	O Trabalho na JEEP Goiana		p. 36.
3.4	Trabalho e Trajetórias		p. 41
3.5	Relações de Trabalho		p. 45
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS		p. 52
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		p. 55
	Apêndice 1		
	Apêndice 2		

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda as transformações ou novas dinâmicas socioeconômicas que vêm se processando no território da Mata Norte de Pernambuco, a partir da implantação de grandes unidades industriais, especialmente o Grupo Stellantis (JEEP)¹. Esse tema vem sendo desenvolvido pela autora desde o final de 2019, a partir do projeto de iniciação científica intitulado "O Polo Goiana: a recente industrialização da Mata Norte, as novas dinâmicas socioeconômicas e a reconfiguração das relações de trabalho", apresentado ao Programa PIBIC/PIC/CNPq/UFRPE, sobre a orientação do Professor Maurício Sardá de Faria.

Durante a pesquisa de iniciação científica, realizamos uma revisão bibliográfica abrangendo principalmente os temas do desenvolvimento e da crítica à organização do trabalho no capitalismo, leituras de documentos sobre o desenvolvimento em Pernambuco e realizamos entrevistas com trabalhadores da Jeep, conforme falaremos adiante. Esse período de pesquisa exploratória sobre um fenômeno amplo possibilitou uma aproximação com a realidade vivenciada pelos trabalhadores do Polo Goiana. Ao percebermos suas idas e vindas do local de trabalho e moradia, surgiu o desejo de compreender como uma indústria de tal porte provoca modificações nas condições de trabalho e de vida dos trabalhadores.

Estamos falando de um espaço que se encontra em transição socioeconômica, passando de um território marcado historicamente pelo setor agroindustrial (cana de açúcar) para a predominância do setor industrial. A fábrica da JEEP/Fiat iniciou sua produção em 2015, junto com as 16 empresas Sistemistas que compõem um quadro de 14.000 funcionários (empregos diretos) com capacidade de produzir 1 carro por minuto, e de produzir 280 mil carros por ano, contando com três turnos, sua produção de carros SUV- Renegade, Compass e Commander, Picape Fiat Toro abastece o mercado nacional e internacional exportando para o Argentina, Chile, Equador e México, e outros. A cidade de Goiana contava em 2010 com 75,664 habitantes², passando para 79 mil hab em 2019 com índice de desenvolvimento humano de 0,651, próximo da média das cidades de entorno 0,629³. Tal adensamento

¹ - Principais setores econômicos instalados no território de Goiana: Automobilístico (FCA - FIAT/JEEP), Farmacoquímico (Hemobrás), Vidreiro (Vivix/CBVP), Cimenteiro (Lafarge/Holcim, Brennan, João Santos, Votorantim, Elizabeth), Bebidas (Ambev, Heineken, Itaipava), Alimentação (Vitarella, Mauricéia, Canaã), Papel (Klabin).

² Goiana-PE.Dados IBGE-2010 e 2019.

³ Dados IBGE-Cidades-2021.

industrial cria novas demandas para as áreas de saúde, educação, moradia, entre outros serviços públicos.

O que chama atenção no debate desenvolvimento/industrialização e a implantação de unidades industriais de alta tecnologia em áreas sem uma forte cultura ligada ao processo industrial, nas chamadas “*áreas virgens*”. Certamente que a decisão de instalar a fábrica no meio do canavial também foi motivada pelos incentivos apresentados: incentivos fiscais, terreno, isenção de impostos por longo período, qualificação da mão de obra a baixo custo, incentivos na aquisição da matéria prima e não existência de cultura sindical.

A questão que orientou nossa pesquisa foi compreender como trabalhadores/as do polo industrial de Goiana, especialmente da Jeep, vem percebendo as condições e as relações de trabalho, considerando suas trajetórias de vida e profissional.

Com objetivo geral, a pesquisa buscou compreender as novas relações sociais e de trabalho que vem se configurando no polo industrial de Goiana e os significados que lhe são atribuídos pelos/as trabalhadores/as a partir das suas trajetórias de vida e trabalho.

Os Objetivos específicos ficaram assim delineados: 1) Investigar histórica e teoricamente os temas relacionados ao desenvolvimento da industrialização no Brasil, especificamente a questão do desenvolvimento no Nordeste; 2) Investigar a realidade do mundo do trabalho no Polo Goiana, como ela se apresenta é percebida pelos sujeitos por meio dos marcadores sociais e sua relação com a nova tessitura que se forma no território; 3) Compreender de que forma a nova metamorfose econômica, social e política tem impactado a vida dos trabalhadores e analisar como essas transformações se manifestam na dimensão subjetiva dos trabalhadores(as).

Para a compreensão do fenômeno da industrialização no território de Goiana, procuramos aprofundar temas relacionado ao contexto histórico, como a questão do Desenvolvimento do Nordeste/Zona da Mata, que historicamente foi pautado por processo produtivo da monocultura da cana-de açúcar e escravocrata, que até hoje permanece com grande influência na região.

A pesquisa sobre as relações de trabalho na Jeep em Goiana consiste fundamentalmente de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, e uma abordagem fenomenológica através do levantamento da percepção dos sujeitos das suas experiências vivenciadas no local de trabalho e moradia. A pesquisa foi estruturada a partir da leitura de textos sobre a organização do processo de trabalho no capitalismo e as transformações ocorridas ao longo do tempo.

Procuramos compreender os novos fatores que estão modificando os contextos social, político e econômico do Polo Goiana-PE. Realizamos também pesquisa em base de dados, buscando indicadores sobre as transformações na composição da força de trabalho no território e na questão social. Tais abordagens passam por um processo reflexivo de interpretação e de discernimento sobre a verdade que se apresenta, como afirma Schutz:

Nossas cogitações têm como características básicas o fato de serem a “consciência de” alguma coisa. Aquilo que básico aparece na reflexão como um fenômeno é o objeto intencional, do qual eu possuo uma ideia, uma percepção, um termo etc. Portanto, toda experiências não é caracterizada apenas pelo fato de que existe uma consciência, mas é simultaneamente determinada pelo objeto intencional do qual se tem consciência.(SCHUTZ,2012.p. 70)

Nesse sentido, procuramos observar os aspectos macro dos acontecimentos, como também micro a partir do olhar dos trabalhadores(as) e como isso tem impactado suas trajetórias, seja de vida ou de trabalho. Levamos em consideração a orientação de Martins, quando estabelece que: “A preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor prendê-la e compreendê-la”. (MARTINS, 2004. p.292)

Todavia, para analisar um contexto social é preciso compreender, sobretudo, sua complexidade. Por isso, não se pode apresentar tal debate a partir de uma visão determinista, unilateral e estática, pois “a história muda, e com ela a maneira com que percebemos os problemas sociais. Conforme o tempo passa, as atitudes em relação aos eventos e aos grupos podem se alterar“. (MAY, 2004. p. 67)

Para isso, a maior relevância está em compreender o trabalhador como sujeito histórico que, mesmo submetidos a um processo de dominação, sua percepção sobre a organização e produção das relações de trabalho e trajetória passam a ser fundamentais, pois "todos esses procedimentos têm por objetivo investigar práticas da ação social na complexidade do dia a dia e apreender o mundo a partir da perspectiva dos agentes no cotidiano". (ROSENTHAL, 2014. p.22)

Com isso, buscamos entender quais os sentidos atribuídos aos pelos trabalhadores que estão diretamente interligados aos impactos econômicos e sociais dessas transformações.

Tratando-se de uma análise fenomenológica⁴, lidamos com a percepção do outro, sua consciência individual, mas que está interrelacionada com outros sujeitos por meio da intersubjetividade, pois suas ações e experiências são fruto das relações interdependentes, o que nos possibilita delimitar seus significados. Conhecendo os trabalhadores e suas rotinas fomos adaptando a forma de abordagem procurando não padronizar práticas ou instrumentos de pesquisa⁵

A adaptação de algumas estratégias de abordagem, só foi possível, primeiramente, pela identificação dos trabalhadores por meio do uso da farda, o que mais os caracteriza os trabalhadores, sendo contatados quando se deslocavam para o trabalho ou na volta desse.

Inicialmente, nosso objetivo era abordar 20 trabalhadores, 10 homens e 10 mulheres. Todavia, as dificuldades do campo nos possibilitaram entrevistar apenas 10 trabalhadores, todos do sexo masculino, por conta do medo da perda do emprego que permeou a relação/pesquisador pesquisado, uma vez que estes relatavam que estavam proibidos de falar sobre a empresa. Todavia, com o método qualitativo e a análise de conteúdo, fomos coletando informações valiosas para a pesquisa. A maioria das entrevistas foi realizada via aplicativo WhatsApp. Algumas entrevistas foram aprofundadas com reuniões por videochamadas com trabalhadores que apresentaram maior disponibilidade em dialogar.

Estratégia de abordagem: 1 -Abordar o trabalhador por meio da identificação da farda e agendar a entrevista. 2- Abordar os trabalhadores e realizar a entrevista, conjuntamente com o uso das ferramentas como: gravador de voz ou aplicativo de Smartphone WhatsApp e reuniões por vídeo chamada.

⁴ O “significado” das experiências não é nada mais do que aquele quadro interpretativo que a percebe enquanto comportamento. Assim, também no caso do comportamento é somente aquilo que já se passou que pode ter significado. Somente aquela experiência percebida reflexivamente na forma de atividade espontânea é que possui significado. (SCHUTZ, 2012. p.80)

⁵ A pesquisa social qualitativa corresponde uma lógica de descobrir (...) daí o pressuposto de abertura do procedimento: ao invés de se chegar a uma padronização dos instrumentos alcança-se um modo de proceder que orienta observações ou entrevistas - seja em entrevistas individuais, seja em discussões em grupo – pelas especificidades e relevâncias dos próprios entrevistados ou observados, dando-lhes maior espaço possível para a configuração da situação. (ROSENTHAL, 2014. p. 20).

Quadro 01 - Dados dos Trabalhadores Entrevistados.

Ordem	Idade	Empresa	Formação	Cargo	Retorno-PE
1	35	PIRELLI	Técnico	Motorista	
2	23	PMC	Técnico	Mecânica	
3	38	JEEP	Técnico	Operador de Logística	São Paulo
4	22	JEEP	Superior Incompleto	Auxiliar de Produção	São Paulo
5	28	FAURECIA	Superior Incompleto	Encarregado de Produção	
6	28	JEEP	Técnico e Superior Incompleto	Operador de Processos Logístico	Rio De Janeiro
7	32	MMH	Técnico	Técnico de Processos	
8	35	Revestcoat Pintura Técnica	Médio	Operador de Produção	
9	50	Adler Pelzer	Fundamental	Empilhador	
10	26	Revestcoat Pintura Técnica	Técnico	Técnico	

A apresentação dos resultados da pesquisa nessa monografia ficou estruturada em dois capítulos, além dessa introdução. No capítulo dois, a seguir, abordaremos algumas referências conceituais que orientaram a nossa compreensão sobre o fenômeno do trabalho no capitalismo. E no capítulo seguinte, apresentaremos os dados da pesquisa, com as análises sendo realizadas ao longo do texto. Ao final, tecemos algumas considerações sobre o tema e apontamentos para pesquisas futuras.

2 . O Trabalho no Capitalismo

Neste capítulo, iremos tratar como a entrada do conhecimento científico modificou a relação do ser humano/trabalho ao ponto dos trabalhadores perderem seu controle e sua autonomia para um sistema automatizado que lhe desloca de uma estrutura social para individualização o que garante a exploração da mão de obra.

2.1 Trabalho e Capital na Sociedade Contemporânea

O trabalho é o pilar central na reprodução do capital que foi sendo modificado até se torna insumo principal do sistema capitalista, o qual passou por vários processos de valorização e de desvalorização, que vai desde do trabalho escravo ao automatizado eliminando cada vez mais o trabalho vivo em detrimento do trabalho morto por meio do conhecimento científico (ANTUNES, 2003). A entrada do conhecimento científico no processo produtivo provocou revoluções que desembocou na criação dos sistemas de produção taylorista e fordista no século XIX, tais modos de produção são marcados pelo uso de tecnologias que favorecem a produção em massa. Atualmente, com o avanço da dominância chinesa nos processos econômicos, estamos diante um outro processo de exploração e expropriação dentro da mesma lógica de centro e periferia (OLIVEIRA, 2019). Esses deslocamentos produtivos promoveram as maiores mudanças em todo o contexto social e humano, pois o homem deixa de controlar seu próprio espaço/tempo de produzir e passa a ser controlado por um tempo secundário imposto pelo controle maquinário sistemático. Nesse sentido, nega-se a natureza humana que passa a ser parte de uma grande engrenagem mecânica.

A divisão do trabalho e o trabalho parcializado tornou-se o qualificador de uma sociedade “civilizada” que progride por meio do acúmulo do capital, fruto da mais valia que produz excedente para um pequeno grupo, rompendo com a necessidade coletiva de prover os indivíduos por meio da tradicionalidade. Todavia, tal lógica produtiva vai atomizar o indivíduo individualizado construído fora das relações sociais, alienado das suas condições

sociais, históricas e materiais. Como afirma Marx:

...na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (...) o modo de produção da vida material (MARX, 2003.p.5)

A racionalização instrumental (Weber) e a moral utilitarista (DURKHEIM,1999) criam o indivíduo econômico individualizado, racionalizado e egocêntrico, eliminando as complexidades dos sujeitos e das sociedades⁶, criando relações de poder estáticas. Na visão de Marx, essa lógica é rompida quando ele analisa os sujeitos como seres históricos capazes de compreender e de romper a relação de dominação capital/trabalho. Por isso, a visão de Marx sobre o mundo do trabalho é contrária aos seus antecessores.

O modo capitalista de produção destrói as formas comunitárias de produção e reprodução dos meios de vida, liberando os trabalhadores para um único meio de produção. Fragmenta-se uma atividade em várias ações para aumentar a produtividade e baratear o custo da produção sobre a mão de obra, assim se inicia o capitalismo. Nesse sentido:

A questão crucial: a transição da apropriação colectiva do trabalho excedente pelos proprietários para o uso de trabalho assalariado livre deve ter dependido da existência de oferta de trabalho barato (e, de elementos proletários ou semi proletários). (HILTON; DOBB; SWEEZY; TAKAHASHI. S/D.p.76)

A apropriação de outrem é o que garante a essência do processo de acumulação, através de um contrato desigual, pois quem o vende não tem as mesmas condições materiais e existenciais de quem o compra (LOBROT,1977). Tal base muda a relação produção artesanal, para manufatura e depois para a indústria moderna. A diferença de cada processo produtivo está na acumulação de saberes, seja de engenheiros ou dos próprios trabalhadores (MARX, 2006), que modificam ou agregam técnicas e práticas anteriores produzindo novas tecnologias e novas formas de organizações de trabalho, como o Taylorismo, Fordismo e o Toyotismo⁷

⁶ Martins, Paulo Henrique. As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo. **Redes Sociais e Saúde**.Recife: UFRPE, 2008.

⁷ No sistema Taylorista se aumenta o planejamento das ações por meio das comunicações internas favorecidas com aumento da tecnologia da comunicação, que acarreta na microrregulação. O que leva a um aumento

que se amalgamam ao longo tempo, não havendo rupturas, e sim continuidades que se complexifica (ROSSO,2008). Para Braverman, tal processo, longe de ser o "natural" desenvolvimento das forças produtivas, possui um objetivo específico de controle sobre os trabalhadores. Isto é: "não é a 'melhor maneira' de trabalhar 'em geral' (...) [mas] o problema específico de como controlar melhor o trabalho alienado - isto é, a força comprada e vendida". (BRAVERMAN, 1987 p.86)

Os deslocamentos produtivos promoveram as maiores mudanças em todo o contexto social e humano, pois o homem deixa de controlar seu próprio espaço/tempo e passa a ser controlado por um tempo secundário imposto pelo controle do maquinário sistemático ou pela racionalização do tempo, através do qual perde sua autonomia e criatividade. Todavia, Marx previa a mudança na relação de trabalho por meio da tecnologia, e não na base da organização do trabalho que se inicia no início do século XIX. Como afirma Marx:

a produção capitalista só começa realmente quando um mesmo capital particular ocupa, de uma só vez, número considerável de trabalhadores, quando o processo de trabalho amplia sua escala e fornece produtos em maior quantidade. (MARX, 2006. p.375)

Entretanto, as mudanças na organização do trabalho estão ligadas diretamente às mudanças tecnológicas, que estão em diálogo permanente, uma agindo sobre a outra. São fatores que implicam diretamente no processo produtivo. Todavia, torna-se, a depender do tempo e processo histórico, um paradigma dominante. As pessoas se tornaram “livres” para vender sua mão de obra. Como afirma Lobrot⁸:

O trabalhador não é obrigado a vir trabalhar numa empresa capitalista. Não é lhe dada a ordem para fazê-lo. Ele é livre para morrer de fome. É precisamente porque ele não deseja isso que é constrangido a vir trabalhar numa empresa capitalista na qual está submetido às vontades do patrão(...)[todavia] não existe nem uma outra alternativa visto que os patrões detêm os instrumentos de produção e, por isso, têm autoridades sobre eles. (LOBROT, 1977. p.15)

continuo da produção em cadeia, podendo fragmentar o tempo de acordo com a necessidade da produção. O que desassocia o tempo sob o controle do trabalhador. (ROSSO, 2008).

⁸ LOBROT, Michel. **A favor ou contra a Autoridade**. Francisco Alves. Coleção Educação em Questão. Ed. Francisco Alves. Ano de 1974.

Sua liberdade torna-se limitada diante da sobrevivência, tendo suas vidas organizadas a partir do modo de produção. Deve-se registrar que há, nesse sentido, duas formas de apropriação da força de trabalho, uma individualizada e outra coletiva (fruto da organização em sociedade). No entanto, nem uma nem outra recebe pelo que produz. Como afirma Karl Marx: “o explorador e a matéria da exploração”. (MARX, 2006.p.383) Também Lopes destaca que:

A ênfase deve ser na compreensão das relações de trabalho, dentro da matriz da organização da empresa e da estrutura social, vistas uma e outra como fenômenos em transformação. É este o modo de se colocar a problemática da sociologia nesse campo: com a perspectiva da sociedade em mudança, onde empresa, sindicato e pequenos agrupamentos de trabalho se inserem. Os fenômenos no nível da microsociologia do trabalho, se assim podemos nos expressar (motivação para o trabalho, chefia etc.), não podem ser entendidos isoladamente. A natureza dos padrões de organização da empresa precisam ser concebidos como em processo de mudança, como de fato estão. A própria sociedade de classes – e nessa a classe operária e a dos empresários industriais – acha-se em processo de constituição.(LOPES. 2008 p.14)

Nesse sentido, o emprego passa a ser o monopolizador dos trabalhadores e das sociedades, uma vez que foi organizada apenas para um modo de produção e de relação de trabalho que visa o trabalhador como peça mecânica para aumentar o excedente e extrair dele mais valia (MARX, 2006), de maneira que mesmo o aumento das tecnologias significasse também a intensificação do trabalho. Segundo Rosso:

A descrição sistemática dos grandes sistemas de intensificação em sua evolução histórica nos permite introduzir uma contribuição adicional sobre a intensidade do trabalho contemporâneo. O trabalho contemporâneo é herdeiro de uma jornada mais reduzida em números de horas trabalhadas, mas também de um grau de intensidade muito maior do trabalho do que em épocas anteriores. (ROSSO,2008 .p.68)

A questão da intensificação do trabalho relaciona-se com histórico cultural do país, onde realidades distintas significam a apropriação das tecnologias também de formas específicas. Seja pela exploração da mão de obra, desenvolvimento de tecnologia ou pela precarização da mão de obra, o acúmulo do capital recai sobre os trabalhadores(as), principalmente dos países de base colonial que se tornaram o exército de reserva⁹ para os países ditos desenvolvidos.

⁹ O exército de Reserva é representado por um excedente de trabalhadores desempregados, que força o baixo custo da mão-de-obra, uma massa permanente fruto da própria ação do capital: “E a polarização-maior ou menor, mas sempre constatável - entre uma riqueza social que pode se expandir exponencialmente e uma pobreza social que pode ser uma enorme massa de homens e mulheres cujo acesso aos bens necessários à vida é extremamente restrito” (NETTO, 2012. p.151)

2.2 Processo e Relações de Trabalho

A tecnologia que tem como promessa a melhoria e a redução do trabalho humano para promover o crescimento econômico, para depois dividi-lo. (PINKER, 2018), na verdade tem piorado por meio da eficácia e eficiência tornou-se norteador do modo de produção e da vida. Ao invés de reduzir o tempo dos(as) trabalhadores(as) para ter acesso ao ócio, a tecnologia foi apropriada apenas por uma parte dela, pelos que detêm os meios de produção, e quando necessário se aumenta a expropriação da mão de obra por meio da sua implementação que tanto adensa as horas como também alongam o horário do trabalhador por meio do uso smartphone, fazendo com que o trabalhador leve o trabalho para casa sem ter repouso. Todavia, não existe a partilha equitativa do que é produzido.

O modo capitalista de produção cria uma população trabalhadora ajustada às suas necessidades, às necessidades do capital e não da população. Os trabalhadores que buscam se fixar no local de trabalho disciplinam-se, esterilizam-se e mutilam-se e transformam-se em um sujeito neurótico que é neurótico no indivíduo, no capitalismo é normal e socialmente desejável. (BRAVERMAN, 1987 p. 86-87)

Considerado o fundador da administração científica, Taylor não somente imprime um padrão dentro do modelo de produção, mas também molda seu comportamento a este. Esse tipo de organização social desagrega os sujeitos do pertencimento social, espiritual e cognitivo, em favor do lucro. Os trabalhadores(as) são motivados para o trabalho pelo valor econômico de ganho. Com podemos afirmar em Lopes:

Essa estrutura econômica tem como complemento essencial para o seu funcionamento, um sistema de idéias e valores sociais. A atividade aquisitiva é aprovada; a expectativa social é que as pessoas procurem a consecução dos seus interesses econômicos individuais. A conduta econômica, segundo os padrões existentes nesse tipo de sociedade, deve ser racional, isto é, deve ser orientada pela ponderação sistemática de “meios”, para a escolha dos mais eficientes para a consecução dos fins em vista e, para isso, valorizam-se as inovações. Enquanto nas sociedades tradicionais, os padrões prescrevem qual deve ser o conteúdo do comportamento, aqui apenas é especificada a forma racional da conduta; o seu conteúdo (os “meios” adotados para a realização dos próprios interesses) varia conforme as forças impessoais do mercado. É claro que nenhuma sociedade pode estar inteiramente baseada no princípio do mercado. A questão é sempre de limites, de natureza e amplitude variáveis, dentro dos quais não só é legítimo, mas mesmo se espera, que as ações dos indivíduos, ao invés de serem determinadas pela tradição, sejam guiadas racionalmente pelos seus interesses econômicos. (LOPES, 2008. p.21)

Nos Estados Unidos, talvez o quarto quinto da população trabalhava por conta própria nos inícios do século XIX. Por volta de 1870 a cifra desceu para cerca de um terço e em 1940 para não mais que um quinto; no ano de 1970, apenas perto de um décimo da população trabalhava por conta própria. Estamos, pois, lidando com uma relação social data extremamente recente. A rapidez com a qual ela obteve supremacia em numerosos países realça o extraordinário poder da tendência das economias capitalistas a converter todas as demais formas de trabalho em trabalho assalariado. (BRAVERMAN,1987. p.55)

Sendo assim, a visão do capitalismo sobre os trabalhadores(as) é a de uma mercadoria individualizada. Todas as relações sociais e as complexidades humanas são apagadas nesse processo. Tomando para si a cooperação, fruto da organização social dos trabalhadores, as formas de organização do trabalho possibilitam o alargamento das forças produtivas a partir da estruturação do trabalho parcializado, que cada vez mais é subdividido, negando a existência de um sujeito pensante, tomado apenas como um componente que o reproduz. Entretanto, o valor a ser pago ao trabalhador é individual e não coletivo. Como afirma Marx:

o motivo que impele e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior expansão possível do próprio capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível de força de trabalho. (MARX, 2006. p.284)

A mercadoria, fruto desse processo, se humaniza e o trabalhador é coisificado como resultado de um processo de mistificação que garante à mercadoria certos atributos sociais ou até espirituais. O trabalhador, a depender do valor da mercadoria, não pode comprar o que produz. O taylorismo construiu estruturas fixas determinando a formação e função de cada trabalhador, o local que este deve ocupar no processo de produção. Dividiu concepção e produção, como também toda sua rotina e o valor a ser pago. Inaugurada a Administração Científica, um dos seus princípios básicos visa a redução ou a minimização do esforço muscular, correspondendo a uma revolução mental (MAXIMIANO, 2012).

O fordismo coloca a estrutura taylorista em encadeamento através de uma esteira rolante, de modo que pode controlar melhor cada trabalhador por uma cadeira de controle. Tais estruturas de produção se espalham pelo mundo ultrapassando qualquer outro tipo de relações de trabalho. O capitalismo rompe com barreiras territoriais, culturais, políticas, sociais e econômicas, visto que se constitui de um sistema que se expande de forma hegemônica de dominação.

Essas mesmas estruturas de reprodução do trabalho racionalizado vão contribuir para as duas grandes Guerras Mundiais junto com seus pensadores, pois dependem delas para alargarem fronteiras conquistando mercado e rompendo com soberanias de Estado-nações por meio de interdependência global, como afirma Manuel Castells:

O próprio capitalismo passa por um processo de profunda reestruturação das empresas e sua organização em redes tanto internamente quanto em suas relações com outras empresa; considerável fortalecimento do papel do capital *vis à vis* o trabalho, com o declínio concomitante da influência dos movimentos de trabalho; incorporação e diversificação cada vez maior das relações de trabalho; incorporação maciça das mulheres na força de trabalho remunerada, geralmente em condições discriminatórias; intervenção estatal para desregular os mercados de forma seletiva e desfazer o estado de bem-estar social(...) Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas (CASTELLS. 1999. p.40-41)

Seja antes ou após a segunda guerra, o trabalho racionalizado tem em comum a negação da autonomia dos sujeitos em favor de um controle secundário que controla os corpos e mentes por meio da disciplina, que não permite a criatividade ou autonomia, que pode levar a crítica à lógica do mercado e seus aportes. Assim, a obediência harmoniza os sujeitos a aceitarem a padronização, as normas, valores e rotinas, ao passo que controla toda vida dos trabalhadores(as) e da sociedade, determinando a orientação dos governos com diretrizes econômicas. Como afirma Rosso:

Taylor, na análise de um dos relatados em seu livro, afirma ter empregado o instrumento da redução de salário, da advertência, da transferências de seção e, em último caso, da demissão daqueles que não quiserem adaptar-se ao seu método científico. Ohno descreve da mesma maneira a resistência operária à desqualificação implica na passagem da especialização para a polivalência, que foi enfrentada mediante discursos de advertência e com o apelo à memória da demissão de 20 a 30% dos empregados em 1950(...) A conclusão da apresentação dos respectivos sistemas de produção industrial dos respectivos sistemas de gestão é sempre feita em tom retórico e com indisfarçável ênfase messiânica. Tanto Taylor como Ohno descrevem suas visões e certezas dos sistemas criados de forma messiânica e com uma visão universalista. As expressões escritas são sintomaticamente idênticas. Taylor coloca que, a despeito do pequeno sucesso em sua época, o sistema tem uma abrangência universal e deverá ser assumido pelas nações que buscam o crescimento econômico. O engenheiro Ohno descreve tão enfaticamente como o colega Taylor o fizera antes sua visão sobre o futuro do sistema. “Temos a convicção de que o sistema Toyota se estenderá, ganhará outros setores industriais e se instalará na história”. ROSSO,2008.p. 87)

Esses modelos de organização do trabalho se espriam pelo mundo, tendo seu ápice entre 1920 e 1970. Entretanto, no ano de 1968 tal estrutura é questionada pela rigidez dos processos.¹⁰ A crítica repousa especialmente nas garantias e na autonomia, pois o modelo de produção gera sobrecarga aos trabalhadores, os quais não tinham participação nas tomadas de decisão, apenas recebiam ordens, por conta da densidade da hierarquização.

A crítica não ficou somente no mundo do trabalho, mas se alargou para o modo de vida, ocasionando uma completa crise nos meios de produção com altos níveis de absenteísmo, greves e perdas econômicas. As principais empresas a serem atingidas pelos movimentos de 68 são as fábricas de automóveis, como a da General Motors, que, de acordo com BRAVERMAN,

Por ocasião da muito discutida greve de Janeiro de 1972 em Lordstown, em Ohio, a fábrica da General Motors revelou um esboço das condições na “mais avançada” e “automatizada” fábrica futuro. De acordo com os cálculos da velocidade padrão, a linha de montagem em Lordstown entregaria 100 carros (tipo Vegas) por hora, dando a cada operário 36 segundos para completar o trabalho em cada carro, em condições de pegar o próximo. O principal problema em discussão na greve era o aumento de ritmo das operações. (BRAVERMAN, 198. p. 39).

As corporações, a princípio, buscaram acordos com sindicatos, mas os movimentos ultrapassam tais domínios, levando o capitalismo a novas mudanças de reestruturação do trabalho e das forças produtivas. Mas usando a crítica como um processo adaptativo a realidade que se reconstrói para dentro de um modelo de sociedade por meio do aumento do livre comércio e da coesão social para possibilitar o desenvolvimento de mais indústrias, uma vez que essa detém os meios de produção e manipulam o sistema para si.

“As empresas passam a gerir o social” a subordinação do social pelo econômico, passando do *homem econômico* para o *social econômico*. As políticas sociais não são mais geridas pelos sindicatos, mas por uma gestão empresarial, o que enfraquece a luta dos trabalhadores. A crise do mundo do trabalho de 1968 que se inicia na França está ligada à governabilidade, enquanto a crise de 1974, à alta produtividade. O novo modelo de superação já estava pronto.¹¹ (ROSSO, 2008).

¹⁰ Tal sistema não possibilita aos trabalhadores(as) e estudantes recém-formados a liberdade e autonomia, levando entre 600 mil a 800 mil jovens na França a preferirem empregos periféricos do que trabalhar nas indústrias.

¹¹ A qual será percebida por Taiichi Ohno, engenheiro da Toyota, para quem o sistema de produção em massa não mais se adequa a um mundo com baixo crescimento econômico (...) a busca por um novo paradigma de gestão do trabalho (...) já estava pronto. (ROSSO, 2008)

O modelo toyotista de produção aumentou a eficácia e eficiência, tanto na produção como na qualidade dos produtos produzidos. Além da distribuição, tudo feito no tempo certo e na hora certa, *just-in-time*, que está relacionado com a redução da perda de tempo e desperdício de matéria prima. O novo sistema vai gerar trabalhadores polivalentes, responsáveis por várias máquinas, sendo controlado pelo micro regulação que acontece de forma constante.

O processo de automação é o resultado da apropriação de saberes, tanto dos trabalhadores como dos engenheiros. Tal apropriação representa um processo histórico, enquanto que os trabalhadores são desvalorizados e desqualificados e destituídos dos seus empregos e de sua racionalidade, do qual não participam do processo de criação, de decisão ou ganhos equitativos sobre os lucros.

A polivalência faz com que o trabalhador se desdobre em várias tarefas sucessivamente, de tal forma que lhe seja praticamente impossível trabalhar de maneira a usufruir pequenos intervalos de descanso. Em outros termos, ela seria o meio pelo qual o trabalho passaria a ganhar e intensidade, a exigir maior empenho, a consumir mais energias pessoais, físicas e cognitivas (ROSSO, 2008.p.14.)

Sendo assim, os trabalhadores acabam sempre lançados para um novo ciclo de exploração pelo aumento da mais valia, através da intensidade do trabalho, que está relacionada com a produtividade, que não leva em consideração a natureza e os anseios dos trabalhadores(as). A reorganização das forças produtivas se complexifica e alarga as fronteiras tornando-se de domínio mundial, como afirma ALVES:

Os agentes institucionais do novo mundo do trabalho global são as grandes empresas multinacionais ou transnacionais que têm, nas últimas décadas, alcançado um extraordinário poder de controle (e gestão) da ordem social global em virtude das políticas neoliberais, de desregulamentação e liberalização comercial adotadas pelos governos nacionais, com apoio dos tecnoburocratas mundiais como FMI, Banco Mundial e OMC. A fraqueza dos Estados-nação subalternos aos interesses dos grandes centros financeiros (e militares) internacionais é expressão da potência vigente dos agentes corporativos industriais, financeiros e militares (com EUA sendo o núcleo orgânico desta nova ordem global do capital). Mais do que nunca, o capital concentra e busca moldar o global à sua imagem e semelhança. (ALVES, 2000 p.278)

Todas essas organizações oriundas dos países “desenvolvidos” traduz para o mundo suas ideologias em forma de “ajuda humanitária”, com o ganho da cidadania que, como uma forma padronizada busca a redução da pobreza por meio do uso de mais tecnologias, na busca do

progresso pelas sociedades subdesenvolvidas. Como estas não dominam tais tecnologias, reproduzem o domínio permanente.

No próximo capítulo, abordaremos o contexto da implantação da Jeep em Goiana, e como os trabalhadores percebem a organização e o processo de trabalho na fábrica.

3 - A JEEP EM GOIANA/PE: RELAÇÕES DE TRABALHO E DE VIDA.

Neste capítulo, vamos tratar do contexto no qual a JEEP vai instalar sua fábrica de automóveis, e como os trabalhadores percebem o processo dessa implantação e as condições de trabalho e de vida na unidade "mais moderna" do mundo da empresa.

3.1. O Trabalho no Nordeste: cana de açúcar e indústria

O Nordeste, assim como o Brasil, é fruto da expansão capitalista, pautado pela imagem do atraso dentro de uma economia global de produção. Sua economia, baseada na relação metrópole - colônia¹² (que depois substituída por desenvolvido-subdesenvolvido), voltada, a princípio, para a monocultura de exportação da cana de açúcar, observou vários ciclos econômicos: que nasce, tem seu auge e depois declina, todavia para o autor João Antônio de Paula¹³ existiam também os complexos econômicos que estão ligados às necessidades dos indivíduos.

O Nordeste se destaca inicialmente pela produção de açúcar, tabaco, cacau, alimentos pecuaristas e produção algodoeira. A produção se faz em regime de latifúndio e por meio de mão de obra escrava, da qual o autor Gilberto Freyre busca harmonizar em sua obra: “Nordeste de 1937” referindo-se a “civilização do açúcar” como se houvesse igualdade de tratamento entre escravos e senhores. O que é questionado pelo autor Stuart Schwartz em seu livro “Os segredos internos de 1988”, demonstra a diversidade da mão de obra que não apenas

¹² A colonização é fruto da expansão marítima mercantilista capitalista. Um processo histórico que acontece na Europa, onde uma sociedade muda sua relação de produção e consumo de uma relação de uso para troca, e se espalha pelo mundo por meio da colonização nas Américas, Ásia e África. Neste sentido, não pode ser visto com um processo evolutivo social-cultural para todas as sociedades, mas como um processo de imposição e de dominação que proporcionou a acumulação primitiva de capital para essa sociedade que penetrou nos territórios, modificando todo um processo histórico, social, cultural e econômico do todo o planeta. O acúmulo do excedente proporcionou a revolução industrial.

¹³ PAULA, João Antônio de. O processo econômico. In.: SCHWARCZ, Lilian (Direção): Carvalho, José Murilo (coord.). **História do Brasil Nação:1808-2010.Vol-2-A construção nacional (1830-1889)**. SP: Ed Objetiva, 2015., pp 179-223.

escrava. Além disso, não existia um trato de civilidade ou de condescendência, mas de subjugação e de animalização dos escravizados.

Nesse contexto, a cana de açúcar foi a mais importante, seguida pela pecuária que possibilitou a expansão demográfica para o sertão com a participação da mão de obra livre, que recebia um pedaço de terra como pagamento, mas dividia a intempéries da seca com o empregador. Segundo EISENBERG,

os produtores puderam, entretanto, transferir o custo da perda dos mercados de exportação para os trabalhadores sob forma de rebaixamento salarial, desconsideração das condições de trabalho e instabilidade de emprego(...) a transição do trabalho escravo para o livre com mínimo de inconveniência(...)transferissem grande parte do custo da crise para os trabalhadores. (EISENBERG, 1977. p.243)

Com o fim da escravidão e a crise do açúcar no final do século XIX, vai se constituir no Nordeste um monopólio sobre a terra e a mão de obra, de modo a impedir a modernização e a garantir a permanência das Oligarquias locais.¹⁴ Em contrapartida, vai se produzir uma massa de pessoas "livres", mas sem condições de sobrevivência, que se submetem às relações de trabalho precárias para sobreviverem.¹⁵ a Lei de Terra de 1850 lhe tiraram tal possibilidade¹⁶. Isso acaba bloqueando a criação de um mercado de trabalho, pois o excedente do capital vai se constituir sob a mão de obra e da terra como excedente imobilizado, que até o século XVII estava fundado no tráfico negreiro.

O que se vê no Nordeste é uma espécie de transição do escravismo para o Feudalismo. Porém, em Pernambuco isso não representou nenhuma mudança nas relações e nas condições de trabalho com o fim da escravidão (EISENBERG, 1977). Trabalhadores passam a viver no engenho e recebem um pedaço de terra para plantar, mas que vivem em condições paupérrimas sem o reconhecimento de direitos, sofrendo com a imposição patronal¹⁷. A legislação trabalhista criada nos anos 1930 não contemplou trabalhadores rurais, privilegiando

¹⁴ Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes. In.: EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco:1840/1910**. Trad: João Maia. São Paulo: Cortez, 2009.

¹⁵A monocultura impediu o desenvolvimento da policultura, contribuindo os rebaixamentos de "salário de fome", mesmo que majorado a lei do salário, mas os custos de vida alto com e a entressafra do meio rural o reduzia a possibilidade de qualquer acúmulo, pois o custo de vida era muito elevado, tendo os trabalhadores que buscar através da migração outras localidades com oferta de trabalho. CASTRO, Josué. **Geografia da fome : o dilema brasileiro : pão ou aço**. — Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984)

¹⁶Só poderia ter acesso a terra quem pagasse por ela, o fim da escravidão não lhe trouxe nem uma garantia social.

¹⁷Tendo que pagar pelo uso da terra: foro, e trabalhar alguns dias do ano de graça para o patrão: cambão, algo que não era bem regulamentado. Fazendo os trabalhadores ficarem presos a terra e ao patrão com dívidas intermináveis gerando um ciclo de gerações de trabalhadores trabalhando para a mesma família..

apenas os trabalhadores da área urbana que crescia. Além de não contemplar Norte e Nordeste, pois sua política econômica estava voltada para o sul e sudeste com a política do “café com leite”.

Essa relação passa por mudanças a partir da criação das ligas e dos sindicatos rurais (1945-1960) presentes na Zona da Mata de Pernambuco, que vão forçar a classe dominante nacional industrial a atuar na situação, a qual visava o reforço do exército de reserva (OLIVEIRA, RODGERS: 2021), a conquista dos direitos trabalhista com a garantia a equiparação entre o trabalho e salário por meio do Estatuto do Trabalhador Rural (1963), cujo resultado será a expulsão dos trabalhadores do campo pelos donos de engenhos para não dar garantias aos trabalhadores, período marcado pela subida dos militares ao poder em 1964.¹⁸

Dessa relação de disputa vão se gerar novas reconfigurações em nível nacional-regional de forma heterogênea na formação do mercado de trabalho e na espacialização de indústrias (OLIVEIRA; RODGERS: 2021). Cria-se uma cisma entre as Oligarquias sobre o tipo de desenvolvimento entre o Sul e o Nordeste. O Nordeste foi pensado com foco no desenvolvimento econômico das Usinas e no Centro-Sul nas imigrações. As mudanças representavam uma nova estrutura de poder onde os produtores passariam para fornecedores das Usinas, como afirma Albuquerque:

A exclusão das províncias do Norte do Congresso Agrícola, realizado no Rio de Janeiro, em 1878, talvez seja o primeiro momento em que os discursos dos representantes das oligarquias desta área tematizam a diferença de tratamento e de situação econômica e política entre “Norte” e “Sul”. A crise na produção açucareira, a seca e a venda de grande número de escravos para o “ Sul” tornam o Congresso Agrícola de Recife, organizado com resposta ao anterior, um fórum de duras críticas à atuação discriminatória do Estado Imperial em relação a esta espaço no que tangia a investimentos, políticos fiscal, construção de obras públicas e política de mão de obra. (ALBUQUERQUE JÚNIOR. 2009 p.83)

Todavia, a crise da cana de açúcar no final do século XIX unida a perda da mão de obra escrava reproduziu um achatamento no assalariamento, que deveria reproduzir o capital

¹⁸ Período que marca a reorganização Estado/Capital no país, não pela via democrática, mas por meio de uma ditadura.

junto com a terra. As secas¹⁹ de 1877²⁰ e 79 tornam-se oportunidades de barganha para as oligarquias que passam a ser tratada como um “câncer”.

De cada uma destas secas se retiravam experiências, desenvolveram²¹ programas e relatórios e se criaram órgãos específicos de desenvolvimento. Assim, o Banco do Nordeste do Brasil surgiu em consequência da seca de 1952(...) e a SUDENE é fruto da Seca de 1958. (ANDRADE: 1999. p.34)

O grupo de estudo que fundamentou a SUDENE: Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste - GTDN, tem seus objetivos principais: combate à seca, desemprego, êxodo rural e o domínio oligárquico. O Nordeste deixou de ser essa figura do atraso em nível nacional, tendo à frente o economista Celso Furtado²² (1959 a 1964) que por meio de Políticas Públicas desenvolvimentistas estatal voltada para a industrialização no Nordeste, como forma de superação do atraso político e econômico da região, que antes estava apenas voltada para o eixo sul-sudeste. Interrompido com o golpe militar de 1964, a Sudene volta a favorecer projetos para a produção de exportação (ANDRADE,1999), retardando todo um processo desenvolvimentista iniciado. Entretanto, o PIB nos anos 1970 a 1980, acima da média nacional, é retrato da SUDENE.

As variações anuais do PIB para Brasil e Nordeste revelam essa tendência. Em 1961, a taxa de variação para o Brasil é ainda de 10,3%, caindo pela metade em 1962. O Nordeste apresenta, todavia, uma taxa de 6,1%. A taxa nordestina permanece superior à nacional ainda em 1963 e 1964. Os anos de 1965 e 1966 não apresentam grandes discrepâncias; contudo, o salto maior verifica-se em 1967, quando o Nordeste passa a crescer a 11,2%, contra 4,8% da taxa nacional. Para Guimarães Neto (1989), estes números já seriam consequência da mudança de atuação do Estado em termos de política para o Nordeste, na qual inclui-se a criação da SUDENE, em 1959²³

¹⁹ As secas é um processo natural que se repete por décadas, mas sua intensidade tem aumentado por um processo de ocupação com o objetivo de se prear índio e a utilização de terras como pastagem. A destruição de vegetação nativa para substituí-la por atividade agrícola vai aumentar a aceleração das erosões (ANDRADE, 1999)

²⁰ Uma das mais intensas secas que ocorre no Ceará que leva ao governo do Imperial a dinamizar a migração dos cearenses para a Amazônia para exploração da borracha que se explorava para exportação (ANDRADE, 1999)

²¹ Todavia, não se questionava a propriedade ou a orientação à produção, pois a luta era contra a seca, é não, para lhe dar com ela. A Sudene é criada, posteriormente, ao IFOCS-Inspetoria Federal de Obras as Secas, que nos anos vinte passa a se preocupar mais com os transportes, e as soluções hídricas não se atém à evaporação. Além de as construções de poços e açudes serem realizados dentro de latifúndios, assim com os projetos de irrigação que tem a não favorecer a população local com isso “a força de trabalho é deslocada da terra com um indenização inexpressiva, estimulado o êxodo rural”. Tais medidas que depois troca por emendas parlamentares, com a subida de mineiros e paulistas ao poder central, passam a ser chamadas de “indústria da seca”. (Andrade, 1999)

²² Furtado defendia o fortalecimento da economia interna em detrimento a externa, por compreender que os países subdesenvolvidos não suplantam os desenvolvidos.

²³ [Microsoft Word - Christiane Bezerra Alves.doc \(abphe.org.br\)](http://abphe.org.br)

O pensamento cepalino, que estava sob a ótica da superação da pobreza e do subdesenvolvimento por via da industrialização, sua proposta reformista se colocava em disputas com outras classes de interesses.²⁴ A indústria que se concentrava no Sul e Sudeste, passa a se descentralizar para várias regiões do país, se mantendo a centralidade, mas deslocando a parte operacional da produção, como afirma FURTADO:

Foram as indústrias que se vinculam aos mercados externos e processam produtos primários aos mercados externos e as que mais se beneficiam dos subsídios concedidos pelo Poder Público. Seus efeitos de arrasto são mínimos e a tecnologia utilizada responde às exigências dos mercados extra-regionais, o que se traduz em reduzida criação de emprego. A vinculação com a região assume principalmente a forma de captação de parte do excedente pelos governos locais.(FURTADO, 1986. p.150)

O que significa dizer que, para o Nordeste²⁵, a industrialização não modificou as estruturas sociais da maioria da população, permanecendo a mesma, apenas se deslocando uma pequena parte que se torna uma classe média. Aumenta as disparidades entre os Estados, e o Nordeste tornou-se área periférica, composta de latifúndios e de minifúndios. Tornando-se subsistema do sul, contribuído para o prolongamento da indústria, o que possivelmente teria sido diferente se o Nordeste desenvolvesse sua indústria. (FURTADO, 1981). O sul detinha 83% de incentivos fiscais e o Nordeste 7% e que decaiu ainda mais com a subida dos militares ao poder, o que reverbera nas condições de vida da população, no Sul a expectativa de vida era de 65 anos enquanto no Nordeste de 40 anos nas zonas urbanas. Nessa relação o Nordeste torna-se o apêndice do Sul (OLIVEIRA, 1987). Como afirma MENDES:

A identidade entre a nação e a região, sugerida no final, é irônica. Ela anuncia a realização do sonho do planejamento econômico regional, o projeto da SUDENE, mas invertido: não foi o Nordeste que se nivelou ao Centro-Sul do Brasil ao alcançar seu patamar de desenvolvimento; foi o Brasil como um todo que se igualou ao Nordeste com o avanço de um modelo econômico baseado na altíssima concentração de renda, na dependência internacional e na reprodução de formas arcaicas de relações sociais e econômicas, como a acumulação primitiva no campo e a informalidade no setor de serviços. Essa conclusão, somada à ideia de que haveria um impasse entre o Estado. e a Nação, é reveladora do quanto Francisco de Oliveira permanecia atrelado a algumas categorias de pensamento ligadas ao nacional-desenvolvimentismo(MENDES, 2018 p.563)²⁶

²⁴ BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de Pensamento na CEPAL**. vol.2 Cofecon, Conselho Federal de Economia. Ed. Record. Rio de Janeiro. São Paulo. 2000.

²⁵ Uma região marcada pela desnutrição de crianças de jovens, maior do que a média do país 50% o que põe em cheque qualquer projeto de desenvolvimento humano. (FURTADO,1981)

²⁶ MENDES, Flávio. Caderno CRH, Salvador, V, 31, N.81, p. 555-566, Set/ Dez. 2018.

A indústria metalmeccânica se destaca em Pernambuco na fabricação de estruturas para os engenhos e depois usinas, na produção de maquinários e sua manutenção. Sua primeira fábrica foi registrada em 1829 no Recife, Fundação Aurora. No Século XX, com a decadência da cana de açúcar, passa a atuar no agreste na produção de doces e embalagens para o mesmo produto, além da indústria têxtil.

Do ponto de vista de estruturação do espaço urbano, em 1894, Goiana recebeu a indústria têxtil Fiação de Tecidos Goiana, que impulsionou a expansão até as duas primeiras décadas do Século XX, onde se adensaram as áreas já ocupadas e se consolidou o centro urbano. Esse processo foi desacelerado no início dos anos 1920 pela crise no setor açucareiro. (ARAUJO; LUNA: 2017.p 586)

Sua diversificação de atividade, qualificação do seu corpo de funcionários, mudanças nas relações de trabalho, política nacional voltada para a indústria na década de 30, também foi impactada com a Primeira Guerra Mundial com a falta de produtos para importação, quando voltam-se para o mercado interno e se dá uma expansão. Além da inauguração da Cia. Siderurgia Nacional-CSN, em 1941, forjar um cenário favorável para instalação de fábricas como: Fundação Pessoas de Queiroz, Companhia de Siderurgia do Nordeste-Cosinor, Fábrica e Fundação Capunga, além da Criação da Comissão Nacional de Siderurgia e a Vale do Rio Doce em 1942. (MELO, 2011)

A produção de bens duráveis está ligada diretamente ao bom desenvolvimento da economia, acompanhado suas altas com bom desempenho e baixa com estagnação, como ocorre nas décadas de 50²⁷ e 60 em alta, com a atuação da SUDENE, com os incentivos fiscais e decaindo a partir das décadas de 70, 80 e 90, com as mudanças tecnológicas, abertura do comércio, favorecendo as importações, e políticas neoliberais que reduzem investimento do Estado, fazendo o setor se retrair. No Brasil, as novas formas de gestão empresarial serão sentidas na década de 90, por meio da reestruturação produtiva que vai promover a redução da renda do trabalhador, apesar do aumento da produtividade, como afirma Alves:

²⁷ A FIESP- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo foi a grande articuladora dessa aliança desde da década de 50 (...) a FIESP vai rotular de “verdadeiro nacionalismo” aquele que propõem o desenvolvimento da nação abrindo, assim, as portas do país à penetração do capital estrangeiro que venha a contribuir para o seu desenvolvimento.(GONÇALVES,1989. p.13-14).

A reestruturação industrial, buscando adotar estratégia defensiva, reduziu salários, apesar do crescimento significativo da escolaridade e qualificação da força de trabalho, contribuindo para o incremento da taxa de exploração, ou seja, de extração de mais-valia. (ALVES. 2000. p.266)

A coesão da empresa com o social se pauta pela elevação dos baixos salários, redução da disparidade salarial, gestão planejada, formação permanente e pelo desenvolvimento de equipamentos coletivos. Além das negociações estarem pautadas pela subordinação política e econômica. Com isso, o trabalho passa a ser mais racionalizado, o que degrada a relação de trabalho, que no caso do Brasil também degrada a condição de vida dos trabalhadores, a consciência de classe e o aumento do contingente de pobreza. (ALVES, 2000) As garantias são trocadas pela participação dos indivíduos corresponsáveis, reduzindo-se a hierarquização, a qual os líderes passam a ser mais democráticos levando as pessoas a atuarem em rede. Um dos principais fatores que inaugura a flexibilização²⁸ do trabalho e a total negação de divisão do poder. As relações mudam, mas permanece a mesma estrutura.

O Nordeste passa por um processo de decrescimento na Indústria e no PIB nacional, acarretando em altos índices de desemprego e empobrecimento da população, somente voltando à configuração nacional entre o período de 2003-2010, por meio de políticas voltadas à redução da fome e da pobreza, como também projetos estruturantes, por existir uma baixa distribuição de renda histórica.

As abordagens teóricas sobre o neodesenvolvimentismo, enquanto uma das chaves explicativas das políticas empreendidas pelos Governos Lula e Dilma, apontavam para uma articulação virtuosa entre as políticas econômicas e as políticas sociais, constitutivas de um projeto de desenvolvimento nacional. No contexto de reinvenção das estratégias socialdemocratas, as políticas econômicas, ainda que voltadas estritamente para a indução do crescimento da base material capitalista no Brasil, com investimentos para garantir e ampliar as condições gerais de produção (infraestrutura, qualificação da força de trabalho, ampliação do comércio internacional etc.), deveriam de alguma maneira espelhar as iniciativas no campo dos direitos e políticas sociais. (KERSTENETZKY, 2012)

As políticas adotadas são a valorização do salário-mínimo, expansão do crédito e políticas de assistência social. Políticas que passaram a garantir a fixação dos trabalhadores, como também a volta de outros trabalhadores.

²⁸ A transformação do capitalismo e desmantelamento da crítica: 1 - Flexibilização dos horários, especialmente para as mães de família; 2 - Evitar esforço quanto a questão de segurança; 3 - Reestruturação dos cargos (motivação para o cargo pela responsabilidade e participação; 4 - Os gerentes tomam mais a postura de mais aconselhamento do que de mestre; 5 - Mudança na organização de comando e de tomada de decisão. (BOLTANSKI, CHIAPELLO. 2009)

Importante salientar que a condição básica para aplicação no circuito secundário é a existência de um mercado de capitais e de um Estado capazes de financiar, a longo prazo, grandes projetos sobre o ambiente construído - é o caso do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), dos incentivos ao crédito via Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR)³. Em outras palavras, essa transferência de recurso para o ambiente construído requer a criação de um capital fictício, ou seja, de um sistema de crédito que antecipe a produção e o consumo atuais. (ARAUJO, LUNA, 2017)²⁹.

As novas relações que se configuram no campo macro e interferem no território, em dicotomia global local (SANTOS, 2008), e nos permite entender de que modo essa relação, que antes se dava através da relação colônia-metrópole, hoje desenvolvido-subdesenvolvido (FURTADO, 2004), interfere nas trajetórias de vidas dos trabalhadores que acessam a JEEP para trabalhar como meio de vida.

3.2. A Implantação da Jeep

A unidade da Fiat Chrysler Automobile-JEEP, fábrica mais moderna do mundo, se instala e passa a funcionar no ano de 2015 no município de Goiana/Pernambuco, na divisa entre Recife e João Pessoa. Chega nesse território marcado historicamente por relações de trabalho e de poder arcaicos, típicas de um país subdesenvolvido, que oferece a essa indústria *greenfields* (*campos verdes*) com pouca ou nem uma tradição industrial automobilística e sem cultura organizacional sindical.

A cidade nasce do processo de exploração: colônia – metrópole, criada em 1568, e constituída pelo município em 1892. (ARAUJO, LUNA.2017) Considerada como patrimônio histórico religioso, é marcada por processos históricos de lutas e considerada a primeira cidade a acabar com a escravidão.³⁰ Na segunda metade do século XX, defronta-se com as

²⁹ ARAÚJO, Cristiane Pereira de. LUNA, Alexandra de Oliveira. **Brazil. GOIANA: Cidade das Oportunidades? A produção do espaço urbano resultante da implantação do polo industrial de desenvolvimento norte.** Oculum Ensaios, vol. 14, núm. 3, pp. 577-594, 2017. P.U.C-Campinas.

³⁰ Um grande diferencial, por se tratar de um estado que era marcado por grandes número de engenhos. Fanfa, Luiz Cezar Thomaz, **Goiana para quem te ama.** Nereu Leme. 1.ed. São Paulo: LMF/Serviços e Negócios, 2015. 57p.

lutas camponesas pela Reforma Agrária, mas Goiana ainda mantém elevados níveis de concentração de terras.

Sua instalação só foi possível com o financiamento do BNDES, Banco do Nordeste, e Sudene, alcançado mais de 80% dos recursos necessários (ARAÚJO e LUNA, 2017), além de benefícios fiscais concedidos por 20 anos. O que tende a garantir ganhos em escala, incentivos fiscais e financeiros e governos interessados em atrair investimentos estrangeiros (TEIXEIRA, 2017). Sua logística é baseada no *Just in Time* (fazer no tempo certo), e necessita de todos seus fornecedores estejam em sua proximidade para facilitar a montagem dos veículos de forma horizontal. Para isso, ocupa um raio de 44² hectares, se valendo de parte da Usina de Santa Tereza e beneficiado pelo Plano Diretor proibindo quaisquer construções no seu entorno. Atualmente, a Jeep gera 14.000 empregos³¹, diretos para produzir um carro por minuto, 250 mil carros por ano, podendo chegar até 280 mil carros por ano. A empresa começa a operar em três turnos a partir de 2018, contando com 16 empresas em seu roll.

Acrescentar um terceiro turno é um passo importante para continuar a desenvolver esse projeto. Jamais entendemos o polo da Jeep como uma simples fábrica. O que estamos fazendo em Goiana não tem precedentes na FCA, disse Marchionne, Presidente mundial do grupo. "Viemos a Pernambuco para ficar", ressaltou. Segundo a FCA, Sr. Presidente, a recuperação do mercado interno e a alta nas exportações possibilitaram o início do terceiro turno, destacou Stefan Ketter, Presidente da FCA para a América Latina.³²

Uma indústria do porte da JEEP - Goiana/PE realiza pesquisa de longo prazo antes de decidir instalar uma outra unidade produtiva em um país ou território. Ainda assim, logo após a instalação da fábrica, no ano de 2016, o Brasil passa por uma das maiores instabilidades política e econômica, com a retirada de direitos trabalhistas e encolhimento do mercado.

As recentes modificações no campo jurídico – formal no Brasil, como a lei da Terceirização (nº13.429/2017), a Reforma Trabalhista (nº 13.467/2017) e a Reforma da Previdência (PEC 06/2019) são emblemáticas para evidenciar a precarização do trabalho. Estas modificações manifestam um momento síntese das estratégias de recomposição do capitalismo contemporâneo no Brasil e o papel proativo do Estado na destruição dos direitos sociais. (DALMAGRO; BAHNIUK; p.48)

³¹ Não sendo fixo, esses números sofrem alteração a depender do processo de produção.

³² [Discurso do\(a\) Deputado\(a\) GONZAGA PATRIOTA, PSB-PE em 27/03/2018 as 10:24 \(camara.leg.br\)](#) (Acesso 25/09/22)

A empresa, todavia, atingiu sua capacidade máxima em 2017, com a produção de 179 mil veículos. Um investimento de tal porte garante o espraiamento da economia local com a contratação de empreendimentos locais, implicando com isso geração de emprego e renda, uma vez que Goiânia possui sua economia pouco diversificada.³³ Sua principal geradora de renda está na economia extrativista, que representa 50% da receita (Fecomércio-PE Sesc Instituto Fecomércio/SEBRAE. S/D). Tais estudos não refutam as questões sociológicas ou antropológicas que poderiam analisar outras formas de desenvolvimento para a localidade, evidenciando apenas o fator econômico por meio do desenvolvimento industrial externo. Tal pensamento já superado por Celso Furtado:

A estrutura econômica da região onde penetrou a empresa capitalista (...) não se modifica, necessariamente, como consequência dessa penetração. Apenas uma reduzida fração da mão-de-obra disponível é absorvida pela empresa forânea; os salários pagos a essa mão de obra não são determinados pelo nível de produtividade da empresa e, sim, pelas condições de vida pelas prevalentes na região. [...] O fenômeno é, até certo ponto, idêntico ao observado na primeira fase do desenvolvimento da economia capitalista, quando o sistema artesanal preexistente ia sendo destruído e absorvido. Fase anterior ao momento em que o setor capitalista, em expansão, absorveria a totalidade ou quase totalidade dos recursos de mão-de-obra, permitindo que os salários reais, antes determinados em função das condições preexistentes de vida, passem a ser condicionados pelo nível de produtividade. Ainda assim a similitude é aparente, pois a empresa capitalista que penetra em uma região de velha colonização e estrutura econômica arcaica não se vincula, dinamicamente, a esta última, pelo simples fato de que a massa de lucro por ela gerados não se integram na economia local. (FURTADO, 1965. p.175)

As cidades do entorno demonstram um índice desenvolvimento humano em média de 0,630 enquanto que existe um diferencial no índice de renda per capita, em comparação Itaquitinga que é de R\$ 7.839,64 e Goiana que é de R\$ 116.122,91, o que nos permite sugerir que o desenvolvimento econômico não anda de mãos dadas com o IDH.³⁴ Além disso, as cidades do entorno dependem quase que 80% de recursos do governo federal, o que coloca tais cidades dentro de um processo de fragilização de seus projetos, se tratando de estruturas industriais volantes e de agendas de governos que podem ser modificadas.

Uma reportagem jornalística alerta para essas contradições entre projetos de desenvolvimento em territórios marcados pelo subdesenvolvimento:

³³ O índice de participação de uma sociedade em determinada economia revela sua cultura e seus modos de vida, mesmo que não revele altos níveis de excedentes que em muitas das vezes não consegue se apropriar.

³⁴ Quadro demonstrativo anexo I e II.

Metalúrgicos denunciam perseguição e falta de segurança na Fiat Trabalhadoras e trabalhadores metalúrgicos trancaram a BR-101, no município de Goiana, em Pernambuco, nas imediações do pólo automobilístico da Fiat Chrysler Automobiles (FCA)/Jeep, na manhã desta sexta-feira (27) em protesto. O ato também foi uma missa em memória de Vandson Milton da Silva, morto em acidente de trabalho na empresa no último dia 16. O Sindicato dos Metalúrgicos cobra justiça e segurança para os trabalhadores da Fiat. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Pernambuco (Sindmetal), Henrique Gomes, conta que este ato é de extrema importância porque “é uma simbologia conseguir parar uma grande montadora multinacional. Quando se fala a Jeep Fiat, é uma simbologia que poucos conseguem dentro do Brasil e no mundo. A gente conseguiu essa façanha aqui pela luta que o sindicato tem em prol de dos trabalhadores, principalmente nas condições que a gente vem pedindo segurança em todo momento. A realidade é que temos uma grande tecnologia no polo automotivo, mas é uma tecnologia que vem nos matando.”, afirma.³⁵

Trata-se, no entanto, da segunda morte ocorrida na empresa. A indústria é vendida como um padrão de desenvolvimento para as sociedades de “baixo desenvolvimento” social e econômico, pois seus investimentos levam ao espraiamento para outros setores como comércio e de serviço. Além disso, fala-se que tal diversificação não precisa de investimentos do setor público (Fecomércio-PE Sesc Instituto Fecomércio/SEBRAE. S/D). O que não acontece da mesma forma com o setor industrial que se apropria de investimentos públicos e de isenções fiscais.

Todavia, tais discursos colocam pontos cegos em muitos debates sobre os verdadeiros “benefícios” que uma indústria pode causar a uma sociedade. Em seus seis anos de instalação a empresa JEEP, Pernambuco³⁶ registra um crescimento de 4,2% representados por 233,4 Bilhões, no mesmo ano, o Brasil³⁷ registra um PIB de 8,7 trilhões, um crescimento de 4,6%. Em contrapartida a Fiat Chrysler³⁸ registrou 15,2 bilhões de Euros, com fluxo de caixa livre de 6,1 bilhões.³⁹ Antes da fundação da Fiat em Pernambuco, em 2014, a Fiat Chrysler tinha queda de 67%, £632 milhões⁴⁰. Embora represente um poder econômico supranacional, sua mão de obra no território Nordeste recebe salário médio de R \$1.200,00, sofrendo com uma

³⁵ [Metalúrgicos denunciam perseguição e falta de segurança na | Geral \(brasildefato.com.br\)](#)(Acesso em 25/08/22)

³⁶ <http://www.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/produto-interno-bruto-pib>

³⁷ [IBGE | Portal do IBGE | IBGE](#)

³⁸ O Grupo FCA-Fiat Chrysler Automobiles criou a fusão em 2021 da Stellantis com as marcas: FIAT, JEEP, PEUGEOT E CITROEN, presente em 130 países com 14 marcas distintas composta de 400 mil funcionários. No Brasil, Betim (MG), Campo Largo(PR), Goiana-PE(FCA) e Porto Real(RJ)-PSA. Com capacidade de produção no Mercosul 1,7 milhões de unidades.

³⁹ <https://movimentoeconomico.com.br/economia/negocios/2022/02/24/stellantis-anuncia-lucro-liquido-de-152-bilhoes-de-euros/>

⁴⁰ [Lucro líquido da Fiat Chrysler cai 67,6%, para € 632 milhões | Automotive Business](#)

inflação de 10,06% no ano de 2021, o que leva ao achatamento dos salários. As bonificações feitas aos trabalhadores foram de R \$850,00 (pagas em 2022), enquanto na Europa foi de R \$7.288,00 (pagas em 2021), não sendo paga aos trabalhadores da SUPPLY PARK (Sindicato SINDMETAL-PE).

Vê-se, desse modo, que a implantação da Jeep no território de Goiana encontrou no apoio e investimentos públicos condições para um novo processo de acumulação do capital, que mantém os trabalhadores com baixos salários, com poucas repercussões no desenvolvimento social no território. Essa situação reflete-se também nas condições de trabalho na empresa.

3.3 O Trabalho na JEEP Goiana

O super dimensionamento das vidas das pessoas foi vendido como a instalação da Fiat como a compra de seus sonhos, mas não podendo haver escolhas, sendo um padrão único para todos. (LADOSKY, 2015) Trabalhar na Jeep era visto como a troca do corte da cana, pesca e outras atividades, principalmente extrativistas, pela de operador de máquina, como a aquisição de um novo status social.

Em certa medida, a JEEP acaba cumprindo o papel do Estado quando oferece benefícios aos trabalhadores, possibilitando ter em suas comunidades status de cidadão, com o uso de suas fardas que os diferenciam (o que possibilitou as abordagens dos trabalhadores para a pesquisa). Seus trabalhadores passam a ter acesso a plano de saúde, alimentação, transporte de qualidade para ida e volta do trabalho, carteira assinada e FGTS, entre outros benefícios garantidos nos acordos coletivos de trabalho. Na verdade, os trabalhadores estão inseridos em uma relação desigual de força, principalmente por não terem recursos acumulados, nem podem produzir sozinhas, essas pessoas vão ao mercado vender sua força de trabalho (FIGUEIRA; OLIVEIRA; KREIN; 2019. p.19).

O mercado, por sua vez, muda sua estrutura para aumentar o lucro que beneficia uma parcela da sociedade. São os donos do meio de produção que determinam os valores a serem pagos pela mão de obra (nas relações de força com os sindicatos), e decidem também de forma unilateral sobre o ritmo da produção e a rotina do processo de trabalho, o que passa a

determinar suas vidas. Mas as vidas dos trabalhadores e trabalhadoras não tem como mudar tão rapidamente como o sistema de produção, pois o trabalhador precisa empenhar toda sua trajetória de vida, o que leva tempo e investimento, havendo nesse sentido dificuldade para mudarem suas perspectivas, como afirma Lobrot:

é difícil desviar tempo e energia se está numa situação na qual as necessidades elementares só podem ser satisfeitas por meio de um trabalho laborioso e complicado destinado a assegurar a conservação biológica. (LOBROT, 1977. p.163)

Entretanto, as mudanças de vida feitas pelos trabalhadores foram realizadas para a manutenção da própria vida, mesmo existindo os riscos, que são constantes, e sabendo-se que a qualquer momento podem ser excluídos, a depender da mudança dos processos produtivos. Entretanto, o trilhar desses trabalhadores estará sempre na dúvida, de ir por um caminho ou por outro, em sua maioria, sem muitas escolhas que possam empenhar suas habilidades, mas manter sua sobrevivência. O que demonstra a existência de uma relação desigual nas relações de trabalho e a reprodução da vida, revelada por Karl Marx:

as condições de trabalho aparecem como se fossem independentes do trabalhador; por isso, sua economia se apresenta como uma operação particular que em nada interessa ao trabalhador e, portanto, distintas dos métodos que elevam a produtividade pessoal (MARX, 2006. p. 376).

O trabalho na JEEP-Goiana/PE apresenta diversas interfaces, a depender do tempo de contratação, formação, habilidades⁴¹, cargo que ocupa e fábrica em que trabalha no âmbito da Jeep. Revelam-se diversos contextos nas relações de trabalho e de produção, principalmente atrelada aos modelos Taylorista, Fordista e o Toyotista que se amalgamam como forma de gerar uma maior intensidade do trabalho e para produzir um carro por minuto, fruto de um processo intenso de coercitividade. A pressão constante para atingir as metas de produção, advém tanto por parte da empresa como dos próprios colegas de trabalho, o que faz mover essa estrutura do campo da disciplina para a alta regulação dos próprios trabalhadores que atuam na mesma linha de produção. Com um número de funcionários reduzidos por cessão, trabalham na maioria das vezes em pé com pouco ou nem um momento de descanso. Na descrição de um dos trabalhadores, temos que:

O primeiro turno sai de casa de 4h30 da manhã para pegar de 6h e largar de 15h48 da tarde. Quem faz o segundo turno sai de casa por duas horas para pegar de 15h48 e

⁴¹Esse trabalho não pretende aprofundar questões de gênero, raça e classe. Pois, a dificuldade do acesso aos trabalhadores da JEEP dificultou a compreensão de outras categorias na trajetória e relação de trabalho.

largar de 1h da manhã. E quem é do terceiro turno, que é o meu caso, pego de 1h e largo de 6h da manhã, que é um horário que é menos puxado. Porém, no domingo, a gente pega de 20h às seis da manhã, só nos domingos. De segunda a sexta é de 1h às 6h. O primeiro e segundo turno são mais puxados devido a carga horária de sair muito cedo de casa, são dez horas trabalhadas, mais 2h para ir para o trabalho e 2h para voltar. (Entrevistado 6)

Com uma hora de almoço, dependendo da linha de produção, deve-se acompanhar a linha até completar todo o processo que não pode ser interrompido por questão humana. No mesmo período em que a Fiat passa a produzir nos três turnos, um funcionário é readmitido pelo corpo jurídico do sindicato Sindmetal-PE, o funcionário havia sido demitido por ter uma cirurgia marcada. Toda a movimentação da linha é calculada de ponta a ponta, qualquer parada representa uma chamada de atenção dos trabalhadores que deve ser justificada. Idas ao banheiro ou beber água ficam atrelados aos acordos entre os colegas que tem que dar conta da atividade do outro que sai. Com isso eles levam água, comida e o que podem para se manter por mais tempo no setor. Assim, as conversas ou brincadeiras são raras, e não podem ser percebidas pelos superiores que logo são reprimidas de forma tácita, expressa ou por olhares de repreensão. Todos vigiam todos, porque um depende do outro no processo de encadeamento das atividades, o que leva à complexidade da competitividade ou da cooperação estimulada pela alta produtividade. ,

Meu dia a dia é corrido. Hoje estou no segundo turno, geralmente saio de casa às 13h30 para pegar o ônibus, e não é todas as vezes que tiro meu horário de almoço, devido à correria, pois assim que como já tem um problema com a máquina me esperando, daí termino de comer e já vou atender. Mesmo que seja raro, mas às vezes consigo descansar (Entrevistado 7).

As horas destinadas ao trabalho passam a compor grande parte do dia do trabalhador, as poucas horas de sono no ônibus passa a ser o complemento do que normalmente é perdido por se levantar muito cedo, a depender do horário. A preparação para o trabalho, a trajetória e mais as horas trabalhadas, a depender do turno, dá uma total de 13 horas que o trabalhador ausentar-se de sua residência, e quando esta passa a maior parte de seu tempo descansando, mesmo no domingo no dia de seu lazer pouco é aproveitado, somado ao baixo salário.

Como já falei no trabalho de segunda a sexta [e sábados como extras], o dinheiro que recebo não dá para pagar minhas dívidas. E o tempo de lazer é muito pouco, porque estudo aí fica mais corrido ainda. Mas não tenho tempo de lazer não. (Entrevista 10)

Principalmente se tratando do terceiro turno que volta a trabalhar ainda no domingo. Nesse ritmo o turno da noite é o mais propenso a sofrer acidente de trabalho, pois é somatização sono, cansaço e ritmo de produção intenso.

Houve acidente de trabalho comigo, mudei de horário para 3h48, pagava o ônibus de 2:30 passando, aí mudou o intervalo e aumentou o cansaço. Fui pegar um equipamento no último andar, tirei e coloquei o material lá. Quando baixei a alavanca, porque cochilei, daí subiu a alavanca e com isso torrou o gesso, pegou no cano de água. Chegou segurança, coordenador. Nesse momento deram mais atenção aos equipamentos. Não poderia dizer que cochilei. Fiquei dois dias sem poder pegar nos equipamentos novamente, fazendo outros trabalhos, verificando as máquinas. (Entrevistado 3)

Além disso, o risco do percurso no período da noite aumenta, mesmo que os ônibus fiquem em pontos e horários estratégicos, eles apenas passam e pegam os trabalhadores, que ficam esperando nas paradas. Todos os processos e procedimentos são calculados de forma rigorosa para garantir o ritmo da produção, com isso, os transportes para levar e trazer os trabalhadores sempre estão em alta velocidade o que leva a cometer outros acidentes no percurso⁴².

Quando entrei lá era também não tinha horário de nada, horário de nada. E agora que aumenta que pegava três horas da tarde e largava de 1:10 da madrugada descia no centro de Abreu e Lima e vim para casa andando para casa, que se virasse o ônibus só passaria no centro da Cidade para onde você morasse, se morasse no sítio teria que se deslocar a pé. No final agora, para quem entrou lá agora deve está muito bom, mas para mim não iniciou no meu tempo foi para se lascar. Recebia a feira e ia para casa de madrugada andando, se fosse roubado eles não estavam nem aí. Era só problema, era difícil, era difícil. Muito difícil mesmo, não tinha nada. A gente passava fome lá dentro, não tinha onde comer, não tinha banheiro, não tinha nada. Tinha que ir atrás. Muitas vezes dirigia um carro lá, não poderia nem pegar no carro, eu levava o povo para almoçar, o povo morrendo de fome. E a noite era a mesma coisa, chegava um lanche lá para gente um sanduíche um pão com salsicha, esperando chegar os caminhões para descarregar as máquinas que iria chegar. E foi assim a trajetória. (Entrevistado 9)

A vida do trabalhador fica acoplada diretamente ao trabalho com todos os seus riscos e com poucas garantias, a necessidade da produção é o lucro outrem. Caso apresente qualquer

⁴²1- [Ônibus com funcionários da Jeep tomba em rodovia estadual de Pernambuco | Pernambuco | G1 \(globo.com\)](#)

2- [Ônibus com funcionários da Jeep bate em cavalo e em árvore e deixa 20 feridos no Grande Recife | Pernambuco | G1 \(globo.com\)](#)

3- [\(16\) Facebook](#)

postura que leve a se tornar uma liderança, por exemplo, é logo isolado, principalmente se tratando de trabalhador ligado a CIPA, dos outros ou demitido. Havendo sempre um jogo sobre quem deve ocupar o cargo de liderança podendo ser quem tenha um baixo nível de escolaridade, mas que não apresente um risco de colocar sua opinião contrária à empresa.

Eu coordenava um grupo de trabalhadores, mas agora eles me tiraram desse setor porque eles contrataram um encarregado. Tinha o mesmo salário de operador, mesmo com a responsabilidade maior. Eu ensinei aos meninos a trabalhar de apontador, eu ensinei a eles. Mas continua a mesma coisa trabalhando sob pressão grande e o salário é o mesmo da gente, não muda de operador. Minha equipe era muito boa, não tinha o que falar nem eles de mim. (Entrevista 8)

As oportunidades nesse sentido são colocadas de forma diferente, pois o monopólio está para quem detém o meio de produção promovendo ou negando oportunidade para quem tenha alguma opinião formada sobre a empresa, havendo uma manipulação no cenário interno que pode interferir no externo como movimentos grevistas que se apoie no Sindicato. Com isso, a imagem do Sindicato é construída de forma negativa para não haver aproximação com os trabalhadores.

7 Tenho uma equipe com 7 pessoas...passo treinamento e acompanho a produção. Tento atacar onde está o gargalo (local onde acontece a perda de produção). Conscientizar a equipe e deixar todos com a mesma visão. Não houve nem um acidente nesse tempo em que estou lá, em toda empresa. Ganho bem, estou ótimo lá. Estudo para melhorar profissionalmente. Formei-me esse ano e irei continuar lá em outras funções. E muito cansativo em tempos de prova, passo uns dias sem dormir direito, às vezes nem durmo. Porém, é proveitoso acreditar que a gente colhe o que planta. Estou plantando. Não sou sindicalizado, também não conheço que faça parte. Pois o Sindicato só aparece lá no final de ano para falar de PL. (Entrevistado 5)

Os trabalhadores não sabem descrever qual a importância do Sindicato, criticam os valores que são descontados em folha que vão para o Sindicato, todavia, não sabem os valores e os lucros que a empresa ganha sobre cada trabalhador, por exemplo. Sendo assim, a crítica é muito mais concisa sobre o Sindicato do que sobre a Empresa ou seu modo de produção, o que dificulta um processo de aproximação entre Sindicato e Trabalhadores na construção de lutas de classes.

3.4 Trabalho e Trajetórias

As trajetórias dos trabalhadores entrevistados, que ocupam cargos operacionais, são diversas e complexas. Em sua maioria, se iniciam por processos sociais desestruturantes e desestimulantes, os quais dependem em grande medida da necessidade de estarem em grau de competitividade no mercado de trabalho e de procurarem romper barreiras existentes desde a estrutura familiar, sociais e estatais que se impõe de forma desigual sobre esses indivíduos.

Comecei a trabalhar muito cedo, acho que com 10 anos. Desde que me entendo por gente, sempre foi assim, meu tio tem uma padaria e toda a família trabalhava na padaria dele. Posteriormente, fui trabalhar em outras padarias, sempre assim por conta da necessidade, a necessidade de estar trabalhando. Mas, de Carteira assinada, só na Jeep, que faz parte do grupo Fiat Chrysler Automobile. Trabalho como auxiliar de produção na linha de montagem. (...). O primeiro emprego foi na Fiat, e que ocupo há 1 e seis meses. Havia anteriormente estagiado no Hospital Agamenon Magalhães, pois tenho o técnico em análises clínicas e incompleto em Química pelo IFPE. Por condições precárias, a gente tem que se sustentar porque precisa comer, daí tive que ir para o mercado de trabalho e parei meus estudos. (4-Entrevistado) [Entrevistado trancou a Universidade por não conseguir trabalhar e estudar].

O trabalho desde a infância promove a redução na formação escolar e ao longo da trajetória de vida, pois a própria formação escolar e profissional é forjada em meio a várias lacunas, promovendo o afunilamento dos trabalhadores até o momento da contratação, a depender do período de contratação e do interesse por parte da empresa, pois no início houve redução da escolaridade para se obter maior número de contratação, o que depois foi reduzido com o funcionamento da empresa.

Não tenho formação técnica(...), mas não cheguei a terminar os estudos não, no meu tempo era muito difícil, não tinha condições, de família pobre, mãe pobre e não consegui terminar. Porque ou trabalhava ou estudava. Tinha duas irmãs pequenas para criar, mais novas do que eu e tive que me virar e era eu e minha mãe para tudo. Aí não tive como estudar, infelizmente. Não me arrependo de nada porque consegui fazer muita coisa com pouco estudo, mas consegui fazer muita coisa. (9-Entrevistado)

Para se encaixar no mercado de trabalho, os trabalhadores farão várias tentativas e mudanças de profissão em suas trajetórias, que não necessariamente corresponderá aos seus anseios pessoais, mas garantirá sua sobrevivência desde a infância. Os principais empregos que ocupam são de servente, pedreiro, ajudante de oficina, padeiro, balconista e açougueiro,

funções braçais que não requerem necessariamente formação escolar mais elevada, mas que garantem a manutenção das necessidades básicas.

Trabalho desde os 19 anos de idade. Meu primeiro emprego foi na Contax, por 2 anos e 6 meses, na função de operador de telemarketing. Depois que saí da primeira empresa, fiz curso de vigilante e trabalhei na área. Passei 10 meses na Empresa SEG VIGILANCIA. Depois voltei novamente para área de call Center, mas pela Empresa Vivo, onde fiquei 2 anos e 4 meses, indo posteriormente para seguro desemprego. É um sufoco ali (call center), afeta seu psicológico. (Entrevistado 5)

As habilidades ou formação não garante que esses indivíduos se fixem em um local de trabalho ou ascenda de profissão, o que os levam a fazerem vários percursos de idas e voltas em empregos de baixa qualificação e com baixa remuneração. Em geral, os trabalhadores moram em bairros periféricos na região metropolitana do Recife, alguns são de origem do interior do Estado e outros representam a volta para o Estado de origem, captados por indicação ou por agência de emprego. A JEEP passa a ser a volta da esperança pela melhoria de vida, ocupando, muitas vezes, a função do Estado por oferecer certos serviços aos seus trabalhadores, como plano de saúde, transporte, fundo de garantia por tempo de serviço, carteira assinada, entre outros. O imaginário construído em torno dessa empresa está voltado para o ganho de status e de mobilidade social. Sobre

Sou de Goiana/PE, da área rural de Goiana. Eles se acham inferiores a gente, não sei porque. Porque, para lá é tido como inferior e aqui não. Mas a maioria é do interior para a JEEP: Recife, Paulista, Abreu... tudo é interior para a JEEP, **todos nós somos matuto!** Mas lá eles querem mostrar serviço para a empresa de todo jeito, para não perder o emprego. É um pessoal que precisa muito. Não é que eu não precise. Todo mundo precisa, mas tem pessoas ali que não tem nada, não tem instrução, não tem estrutura nenhuma. Tem muitos que tiram foto para mostrar que estão comendo para os familiares. [Muitos] Não tem função, sempre criado ali na cana, na lavoura. As mulheres dali viviam trabalhando em bares, em cozinha do povo, de doméstica. Hoje, está ali dentro da empresa fardada, com refeitório, com ônibus, entendes? com médico. Aí, acha que aqui é o céu para eles e não querem perder aquilo. (Entrevistado 9)

Todavia, o imaginário construído sobre o Nordeste e os nordestinos no século XIX ainda se faz presente no século XXI, os preconceitos enraizados tomam corpo por meio das cobranças ou por excesso de trabalho aos trabalhadores que vem do campo acostumando com a lida do corte da cana, com o trabalho braçal de sol a sol que sem repouso trabalha para receber pouco recursos, que mal garante a subsistência. Sem saber o valor real de seu trabalho recebem abaixo do que deveria ser valorado. Fatores que se repetem em uma das maiores e mais

modernas fábricas do mundo dotada da mais alta tecnologia 0.4 que pagam em média R \$1.200 aos trabalhadores operacionais, enquanto que o carro mais barato custa R \$92 mil, no Brasil, JEEP Renegade.

E sobre o salário o dali é uma miséria, não dá para nada não. Você trabalha para dizer que está trabalhando, mas você trabalha em uma empresa daquela, na empresa que trabalha na função de empilhador para ganhar 1.000,00 mil reais ou 1.200,00 não existe em canto nem um. Um supervisor ganha ali 2.000,00 reais, uma empresa daquele tamanho um trabalhador ganha dois mil ou 2.500,00. Isso é uma mixaria, isso não existe. Ali é um salário de miséria, e eles maquiavam a farda bonita, tudo bonito a empresa bonita, mas por traz uma miséria, é praticamente um salário mínimo, aí dá uma cesta básica que não vale nem 150,00 reais. Tem nada que... Que Deus me perdoe, que comida presta, mas uma coisa diferente não tem naquilo[se referindo a feira básica] ali é o básico dos básicos. Dois feijão, dois arroz, dois café, coisa do básico. O Salário ali é uma miséria. Eu mesmo a única empresa que sai e não realizei nada foi ali, porque o dinheiro só dava para comer e muito mal, entendesse?! E quando sai ainda recebi uma mixaria pagaram uma indenização toda errada o que eles quiseram, fui para a justiça não adiantou, recebi uma merreca. Mas é assim mesmo, né?! Só quem está lá é quem sabe, a não ser quem fecha os olhos. Diz que está bom sem tá, mas eu acredito que ninguém fica satisfeito ali dentro, nem os chefes porque trabalham que só ali responsabilidade ganham muito mal e é maltratado. (Entrevistado 9)

Os trabalhadores ficam à disposição da Fiat. Quando tem muito carro no pátio por falta de peça ou por questões logísticas, são dispensados, ficam em casa aguardando uma comunicação. Quando voltam precisam pagar pelo tempo que passaram em casa. Muitas vezes o dia de sábado é escolhido como reposição dos dias não trabalhados, o que leva a fábrica a pagar como um dia comum e não como extra, como um dia normal da semana. Foram relatados casos de supressão do registro do trabalho na folha de pagamento, todavia o medo pela demissão leva a não questionarem o que estão recebendo. Não havendo uma compreensão clara dos dias trabalhados com os dias recebidos. Todavia, na espera de receberem mais procura fazer todas as horas extras possíveis como forma de aumentar a renda para dar conta das necessidades. Como afirma o Entrevistado 8:

O momento de lazer que tenho é ficar em casa descansar e dormir para passear é muito pouco não tenho não. E para pagar as coisas eu consigo porque junto a quinzena com o final de mês e faço hora extra para ter um dinheirinho a mais. (Entrevistado 8)

A maioria possui o ensino médio ou técnico, e os que trabalham e estudam, na tentativa de obter uma melhoria de cargo, salário ou crescimento na empresa, tem uma rotina conturbada de noites mal dormidas, adoecimento até desistência dos estudos. Todavia, a formação

torna-se relativa pelo uso da automação e da flexibilização que desespecializa o trabalhador que pode ocupar diversas funções, mas sem constar na carteira de trabalho. Com isso, em sua maioria, mesmo tendo um ensino maior não alcança cargos mais elevados e mesmo desenvolvendo várias atividades sempre ocupam cargos de operador de produção e similares. Como se afirma o entrevistado:

Há pessoas que são um pouco mais qualificadas do que outras. Sobre lideranças lá não exige faculdade, não exige curso técnico para ser supervisor. Ai tem muitos líderes: líder 1, líder 2, líder 3, e até o líder 3 não tem faculdade, não tem curso, não se preocupa se qualificar. E quem está se qualificando ou quem já é qualificado e preparado, eles (a empresa) não dão oportunidade ficam “cozinhado”, tipo uma situação de medo de querer dá uma oportunidade, e como medo de perder(A liderança perde a vaga para um “pião”, mais qualificado do que ela). Porque existe pessoa mais qualificada, mais preparada, mais capacitada. O que está acontecendo na Jeep hoje é que estão perdendo muitos funcionários, colaboradores bons, qualificados, preparados por esse motivo por não haver esse reconhecimento. Tem muitos líderes que veio desde do início da Jeep, no início pegou muita gente de todo jeito: sem estudo, sem saber ler, sem quase nada na verdade. Tem muitos líderes que não tem nem uma formação acadêmica, o que tem muitas vezes é a ficha 19 comprada, e as pessoas capacitadas preparadas vêm sofrendo. Essa é a falha total que a gente sempre visualiza (Entrevistado-6)

As trajetórias de vida têm uma ligação direta com o histórico do território que historicamente foi construído como atrasado economicamente, assim como seu povo como forma de objetificar e explorar dentro de ciclos contínuos que se reverberam em pobreza e exploração que seja no campo ou na cidade. A relação de produção no Nordeste se esbarrava na posse de terra e no empobrecimento da população que de geração em geração estava presa aos engenhos. Constituído, assim, um empobrecimento das famílias dessa região que passa a naturalizar o trabalho infantil com a garantia de maior renda para a família e garantir a sobrevivência ou reverberar na saída do Estado em buscas de melhores condições, fatores ainda presentes. Todavia, mesmo que em processo de mudança com a vinda de novas indústrias, crescimento do PIB e novas políticas de desenvolvimento, ainda permanece a visão do atraso sobre os indivíduos desse território.

3.5 Relações de Trabalho

A qualificação do profissional não representa, necessariamente, acessão profissional. A progressão se dá, principalmente, quando a empresa identifica alguma característica de liderança. Podem ocupar cargos de lideranças pessoas com menor qualificação. Com isso, o

aumento da formação para corresponder às novas complexidades do mundo do trabalho, como a flexibilização, não significa por si só maiores ganhos ou mudança de função, o que representa a desvalorização do trabalho e sua desconfiguração. O advento de um futuro melhor torna-se uma estratégia construída para que os trabalhadores aceitem algumas condições, que esperam um retorno financeiro.

Não, eu não coordenei nenhuma equipe de trabalho. Isso foi prometido à gente quando a gente entrou lá. Prometido que todos os funcionários antigos seriam encarregados ou líderes de seção. E a gente trabalhou, teve treinamento, tudo com essa promessa na cabeça, de uma terceirizada, de que quando viesse para Pernambuco... e quando chegou aqui ninguém foi aproveitado, só colocaram pessoas de fora. Meninos... cabra que não sabia nem onde botar uma máquina, colocaram para ser chefe da gente e a gente ficou excluído, entendeu? Desse jeito. Muita gente não aceitou e pediu demissão, outros fizeram curso. Fiz curso para empilhador para sair da produção, para ir para empilhador, porque poderia receber mais, do que ter pessoas que não sabia de nada, leiga. Então, fiz todos os testes dos cursos na Bahia e passei para ser encarregado. Na hora H, a empresa foi e virou as costas para a gente. Ficou o pessoal lá de fora e deixou a gente aqui à mercê, né. Achavam que quem era da área rural não tinha condições de ser um supervisor ou um encarregado e administrar uma seção. Teve uma vez que foram apresentar a empresa aos novos funcionários e eu estava lá, o encarregado disse: “agora que vocês vão ver o que é trabalho, vocês que são do corte da cana...”, Eu levantei a mão e disse: “eu não, eu sou formado e muitos aqui são...”. E outros foram levantado a mão. Me candidatei para CIPA, era perseguido, e depois quando me candidatei novamente meus votos não apareceram, mesmo meus colegas me dizendo que votaram em mim. Aí foi isso que me desgostou, foi isso aí. Foi a falta de consideração pelos funcionários daqui. Até agora está do mesmo jeito, não mudou nada, só dá oportunidade às pessoas de fora. As pessoas daqui não dão oportunidade. Lá só tem promoção para quem for bajulador ou que for uma mulher muito bonita. Os caras lá são assim. Os caras que for bajulador que fique no pé bajulando ele vai ser promovido, a mulher que for muito bonita e sair com os encarregados, com o chefe e tal aí é promovida... se não, se ela não sair com nem um, é demitida. Vi muitas lá sendo cantada, e quando elas se negavam a sair com os caras, porque era casada, o cara ia e demitia as meninas. Lá era desse jeito, funciona assim. Existe, sim. E muita competitividade, e um querendo derrubar o outro você não tem amigo não, entendeu. (Entrevistado 9)

Os assédios são um mecanismo de controle, em que o trabalhador é levado a romper com seus princípios em favor de outrem pela permanência no emprego, dessa forma o trabalhador é objetificado em um processo de inferiorização que somatizado com fatores sociais culturais e de gênero leva a favorecer ao assediador que ocupa cargos mais elevados. Apontado por esse entrevistado sobre a situação das mulheres na empresa, entretanto não conseguiremos aprofundar por falta de outras informações, por não ter conseguido acesso às trabalhadoras mulheres, podendo está passando, inclusive, por situações muito mais degradantes pela condição de gênero. Uma vez que a divisão do trabalho se inicia no ambiente doméstico pela divisão sexual e gênero, as trabalhadoras, em sua maioria, são sempre as mais

sobrecarregadas na sociedade por conta do cuidado doméstico/familiar e por trabalhar fora, acarretando em sobreposição de atividade com maiores horas de trabalho do que homens. Mas o acesso ao emprego é o desenvolvimento para a região invisibilizam muitos debates, os fatores positivos são super dimensionados e os indivíduos negligenciados em suas condições diariamente, pois os econômicos se sobrepõem.

As metas a serem cumpridas são diárias de um total de 5.000 a 6.000 peças por dia, mas tem dia que tem gancheira e tem dia que não tem(Gancheira é um dispositivo que a gente coloca as peças para ir para a máquina para ser pintada, esse dispositivo consegue dá três a quatro giro, quando está bastante grosso a pintura no dispositivo a peça já fica falhando, aí tem que levar para decapagem ela é colocada dentro de um caixote onde recebe gás industrial para decapar a tinta todinha. Daí esse dispositivo volta ao normal em chapa, aí temos que montar de novo as peças. No caso eles(os superiores) querem que mesmo ela sem esta decapada continue pintando e saia com defeito. Mesmo que saia com defeito, mas que saia a produção diária, mesmo que 90% boa. Seu processo produtivo não é a base de robótica, diferente de outras empresas do polo, todo o processo de produção é manual. “Os robôs” de lá são os meninos como eles dizem. (Entrevistado-8)

Todavia, a falta de oportunidade, a baixa formação e a escassez de emprego garantem às grandes indústrias o monopólio do emprego e a vários tipos de práticas que aumentam a densidade do trabalho, por haver pouca regulação e as que existem dão um tom de regularidade, mas que na verdade omite diversas práticas que não se sustenta na legislação. São práticas que não são muito claras nos acordos trabalhistas (ROSSO, 2018). A JEEP possui tecnologia de ponta, mas promove práticas de insegurança de trabalho. Segundo um entrevistado:

[o cumprimento das regras...] ...se não está produzindo, já não existe mais essa regra... É como se a regra só existisse até quando a linha estiver produzindo. Seja de segurança ou de qualidade, é como se essa regra deixasse de existir. Lá a gente estava trabalhando com motores, que era o triplo do nosso peso, eles vão em suspenso na linha segurados por uma *binchela*, que vai segurando o motor. A *binchela* não estava segurando os motores e os motores estavam caindo. Só que foi feito o que a gente chamou de “*unha de gato*”, lá um negócio de cabo de aço estranhíssimo, que a gente tomou como medida de segurança, mas que não era medida de segurança nem aqui e nem na China. Só que se você fosse parar para novas *binchelas* chegarem, então, iria perder muita produção. Tinha motor suspenso com uma gambiarra, com o que você não sabia, era só rezar para não cair em cima de você. Então, é isso que eu digo: a teoria é, em primeiro lugar, você não vai fazer nada que comprometa sua segurança. Mas na prática, se você disser “não!” Se sair da linha, você sabe que vai perder o emprego. Então, você vê se aquilo está funcionando bem e segue. (Pesquisado 4)

Mesmo em uma empresa de alta tecnologia que se utiliza do trabalho morto em detrimento do vivo, são nas práticas diárias que mostra quem sustentam a produtividade é o trabalho vivo; são os trabalhadores da linha que em suas simplicidades e expertises ligadas a experiências de empregos menos complexo que possibilita a continuidade do trabalho morto e complexo, como o que se manifesta na JEEP. Com isso, podemos constatar que o trabalho morto não suplanta o trabalho vivo o que prova que o trabalho não morre, mas está invisibilizado por diversas práticas e discursos que garante a retirada de direitos, o aumento do excesso de trabalho, desemprego e o monopólio sobre o emprego, eles estão imbricados em uma relação constante de dependência, que na prática a produtividade não se sustenta somente pela tecnologia, mas pela criatividade, intuição, dedução, cooperação que no momento da quebra são os trabalhadores que se juntam para pensar o que pode ser feito para a linha não parar ou que aumente a produtividade, todavia isso não garante reconhecimento ou recompensas, pois seus salários já são pagos pelo tempo que estão disponibilizados para o trabalho.

Tem os dias que se faz a decapagem, segunda, quarta e sexta. Esses três dias de decapagem, vamos montar a produção em outra gancheira apropriada para outro tipo de peça, foi eu e outro menino que trabalha comigo que desenvolvemos isso. A produção, que era de 70 peças por gancheira, agora conseguimos produzir 216 peças por gancheira. Esses três dias fizemos uma quantidade boa, quando eles deixam a gente trabalhar, como aconteceu hoje; quando eles tiram a pessoa de um setor e manda para outro setor se só tem um no setor. Aí ficou parada a linha o dia todinho. Quem é que vai produzir ali? Aí no outro dia que é o dia da decapagem não tem gancheira é quer que a pessoa faça tudo, “eu quero isso, tá pronto?” não tem como, vai produzir onde. Porque eles dizem que operador de produção não pode ficar em um lugar só, ele deve andar em todo setor, faz de tudo um pouco, porque não tem função fixa não. Só quem tem função fixa é pintor e empilhador. Eles tem consciência disso, mas não querem saber. Eles querem a produção, eles querem que faça, manda uma lista eu quero isso, isso e isso, pronto. Mas não tem como a pessoa fazer. (Entrevista-8)

Porque se depender de algum conserto que demore ou de alguma peça, a produção fica comprometida acarretando diversas perdas. Todavia, o trabalhador não pode parar mesmo que uma máquina quebre e não tenha como produzir, correndo o risco de ser chamado a atenção ou de ser demitido, porque não está produzindo no momento que está recebendo para tal, colocando de forma constante o trabalhador em permanente assédio no trabalho. Um carro por minuto representa a vida de vários trabalhadores em risco, uma vez que a indústria não adquire uma fórmula mágica de produção com a aquisição de novas tecnologias, porque a fórmula do trabalho é o trabalhador(a), mesmo diante de um trabalho “morto”. Pois o

aceleramento da produção leva à quebra de máquinas, de forma constante, e quem fica no lugar são os trabalhadores que passam a correr risco de morte. Mas caso o trabalhador negar se a assumir a função no lugar da máquina ou querer fazer isso por meio de algum documento que prove que quem está assumindo o risco é a empresa, ele é demitido e caso ocorra o acidente de trabalho, procura-se omitir ou negar a ocorrência na empresa jogando a responsabilidade para o trabalhador que assumiu o risco, uma vez que não existe documento que comprove. Como afirma o entrevistado-9:

Acidente de trabalho sempre teve. Mecânico que se queimou, outro perdeu um dedo. Chegou até outro, não na minha empresa, mas na outra, o rapaz foi esmagado. Mas eles sempre falam que não morreu lá dentro, que não aconteceu lá dentro. No início, mesmo no galpão quando estava em construção, a técnica de segurança caiu lá de cima. Estava sem o cinto, caiu e morreu e isso foi tudo abafado. Lá é produção, é assim quando tá no lançamento de um carro. Lançou carro novo, aí é pressão que a galera não quer saber não, quer que você trabalhe de todo jeito de domingo a domingo, feriado o que for. Quando passa o pico de venda e tal, que cai ,eles botam todo mundo para casa, é aquele esquema que coloca você de férias sem você querer. O cara entrou na empresa hoje com um mês de empresa e já coloca você de férias. Aí você acha: que coisa boa". Mas não é porque você vai receber aquele dinheiro ali que eles vão pagar a você de férias, mas quando voltar vai está devendo à empresa. Se você for demitido com 4 a 5 meses, depois você vai ter que pagar aquelas férias que ficou em casa. É desse jeito, o ritmo é desse jeito. O ritmo de produção acelerado é assim: quando precisa do cara, quando precisa da gente para um novo lançamento de um carro novo, aí é assim correria! Se ficar em casa a turma liga para você. (Entrevista 9)

As vendas têm uma ligação direta com a produção, basta lançar um carro novo que a produção aumenta o ritmo da produção, aumentando também as cobranças para com os trabalhadores, que em ritmo acelerado são levados a assinarem documento no meio da produção sem poderem ler o que está sendo colocado. As informações são, normalmente, mal repassadas ficando ao controle dos líderes que nem sempre conseguem esclarecer as decisões e demandas que devem ser tomadas. Às vezes as informações vêm para os trabalhadores ainda na parte da noite, quando estão em casa ou quando estão dormindo. Sem saber se vão trabalhar no outro dia ou não, a depender da produção ou da falta de peças que compõem o carro. A Teoria taylorista se baseia na redução do trabalho braçal e no aumento do trabalho intelectual. Nesse sentido, estamos diante da usurpação da própria ciência no processo produtivo para aprofundar o adensamento do trabalho e o adestramento do trabalhador, que se dá por inúmeros fatores. O controle da produção se faz sobre o processo, mas principalmente sobre o trabalhador em um ritmo extenso e intenso.

[sobre bater a meta] E às vezes bate e às vezes não. Quando a gente não bate a meta, a encarregada não questiona. Ela só diz assim: "vocês precisam melhorar", Mas a supervisora é a coordenadora, aliás, ela nunca está satisfeita, tá entendendo? Se a gente bate a meta, ela quer mais ainda, até assim ela olha para as pessoas como se fosse colocar medo nos colaboradores. Ela olha para os colaboradores como se fosse colocar medo [o trabalhador enfatiza por duas vezes], para ter medo a ela. Eu acho assim, que a gente tem que ter respeito com as lideranças, mas ela quer colocar medo. A coordenação nunca está satisfeita, mas a encarregada é boa. Nunca coordenei equipe de trabalho. A empresa pressiona muito, e o processo lá é tudo manual, braçal, lá não é automatizado não. As empresas que a gente visitou são do polo automotivo, a Tiberina e outras que entrei é tudo automatizado, menos a Revesti. (Entrevistado 10)

Os trabalhadores é quem deve se enquadrar, disciplinar-se, esterilizar-se e mutilar-se para se fixar no local de trabalho. Nesse sentido, o aumento da exploração passa primeiro pela coesão subjetiva, o que os leva a ocupar diversas funções até no cenário externo, mesmo que não tenha formação para tal. Os trabalhadores podem ocupar diversas funções mesmo como baixa instrução e ocupando cargos normalmente de operador de produção, se utilizam de suas capacidades e habilidades que são colocadas à prova por meio do assédio e da intimidação, e que a todo momento corre o risco de serem demitido, como afirma o pesquisado-4:

Agora lá na Fiat estamos passando por um processo difícil, então, estamos passando por muita coisa. Fui "convidado" a participar de uma reunião amanhã, mas não por que quero ir, pois somos obrigados. Eles [a Jeep] não dizem, mas é, pois, se não for, já sabe [que será demitido]. [No caso vocês tem que ir para falar em nome da empresa?] Sim, se não já sabemos como é. (Entrevistado 4).

O colaborador é o que deve pensar em defender a empresa em qualquer aspecto, em razão de defender seu emprego, não havendo uma relação igual e recíproca do trabalhador, que se torna o colaborador para que as máquinas não quebrem, a empresa não pare e que não perca seu emprego. Mas não recebe de acordo com o que desempenha, e muitos em muitos casos ficam na promessa de mudança de cargos, nessa expectativa desenvolve diversas funções, seja dentro ou fora da empresa, mas que sem reconhecimento ou ganhos salariais. Tanto os líderes como os funcionários de linha de produção cobram um do outro, pois quando um para, sobra para os demais ter que dá continuidade, de forma mais acelerada para dar conta do que saiu. Às vezes os próprios líderes e que fica no lugar do que saiu para ter que ir no banheiro ou ter que beber água tendo minutos contados para ter que ir e voltar, todos vigiam todos. A cadeira de controle desaparece e os funcionários devem funcionar no automático,

sem paradas, um controlando o outro e assim mesmo, para garantir o emprego. Os que possuem uma liberdade maior são os que estão ligados aos líderes e atuam de forma e entregar aos demais dessa forma consegue ter mais horas de descanso sem ser cobrados pelos demais. A relação de medo e incerteza são dispositivos destacados pelos trabalhadores para trabalharem mais, com isso destacam não existir valorização mesmo cumprindo metas. A imposição de medo contribui para acirrar disputas entre grupos de trabalho, quanto a quem produz mais e quem produz menos.

Tem gente que fica vigiando a pessoa, de olho. A pessoa não pode ir ao banheiro, a pessoa vai beber água, está de olho. Vai mijar, se sair do setor, o pessoal liga. Eu vou no setor ,o pessoal liga, fica vigiando, conversando. Tô cansado de ir ao banheiro e a encarregada fica ali. Dois minutos e o encarregado chega no banheiro. Isso não pode acontecer. Se o funcionário se sentir constrangido... Eu estava no banheiro com dois minutos e o encarregado saiu batendo nas portas todinhas. Como é que pode um negócio desse? Acho que não pode não! Depois, viu que não respondi, quando eu saí ele entrou e foi mijar para dizer que tinha chegado agora. Isso é o que acontece na linha dentro da empresa. Acho que o RH não está sabendo disso não, porque se o RH souber... Ficam os dois apontadores, um tenta colocar para ferrar no outro, por isso essa competição. A empresa valoriza a produção. Ela quer que todos os dias os funcionários batem a meta, ela não quer saber dos funcionários, ela quer saber da meta. Por isso que os meninos, quando terminam lá, o encarregado está em baixo com as peças para a linha não parar, para se chegar na meta. Já houve acidente de trabalho, mas não era do meu tempo, não cheguei a ver não. Com isso, ocorreu lá que meu companheiro de trabalho foi pegar a gancheira de mal jeito, o peso, muito pesado, acabou deslocando o braço dele. Se ele não soltasse iria quebrar, porque ela virou por cima dele e ele soltou, aí deslocou o braço dele. Ele foi falar para o encarregado que sofreu acidente de trabalho, mas foi orientado a dizer que não sofreu o acidente na linha. Para não sobrar para o encarregado, que orientou a ele não ir. Para não avisar a segurança do trabalho. Porque se ele quisesse seria encaminhado [para o hospital ou ambulatório]. Mas avisou que sofreu esse acidente em casa quando pegou o bujão de mau jeito, e daí deu um jeito no braço dele. (Entrevistado 8).

Todos relataram a impossibilidade de falar abertamente com a empresa com medo de retaliação, seja da empresa ou dos próprios amigos de trabalho que os pressionam pela manutenção de seus empregos. A empresa não permite um diálogo aberto sobre sua lógica de produção, relações de trabalho ou sobre os impactos que causa à sociedade e ao meio ambiente.

Segundo seu discurso e do governo do Estado de Pernambuco, por via dos canais de comunicação, a atividade produtiva da JEEP permite a geração de emprego, mas não fala dos ganhos sobre a renda ou lucros que não ficam no país. Além disso, que tipo de emprego são gerados? E para quem é gerado a renda? Os investimentos industriais recentes na Mata Norte

se encontram em um território marcado pela situação de vulnerabilidade social, em Goiana e entorno, locais onde mais de 30% da população em média está em situação de extrema pobreza, o que garante ao mercado de trabalho local uma mão de obra subjugada às suas condições sociais, favorecendo a existência de uma mão de obra barata.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de trabalho na JEEP têm uma consonância com as relações de vida dos trabalhadores que se encontram em uma situação de subjugação histórica, advinda de uma relação de trabalho escravocrata que se baseia na relação trabalho na acumulação do excedente pela terra e mão de obra, o que reverbera em uma relação de fome e de pobreza na região do Nordeste.

Nesse sentido, uma empresa de tal porte, quando penetra em uma região não modifica as condições sociais, além de seus lucros serem remetidos ao país de origem. Por outro lado, a empresa recebe elevados investimentos públicos, fator que se repete na história por priorizar apenas um modelo econômico de desenvolvimento. Goiana apresenta um PIB per capita maior da região, todavia o IDH não supera a realidade e das cidades do entorno. Com isso, as condições de pobreza e de desigualdades sociais levam tais empresas a terem o monopólio do emprego nessas regiões, que garante um status de cidadania aos seus trabalhadores, uma vez que seus funcionários moram em bairros periféricos, advindo de condições precárias, vivenciam o trabalho desde a infância para terem acesso ao alimento. “A realização do trabalho constitui uma objetificação do sujeito que o efetua” (NETTO; BRAZ. 2012 p.44).

As condições de subjugação acarreta para esses sujeitos, que mesmo adquirindo um grau elevado de conhecimento, não conseguem necessariamente ocupar cargos mais elevados, pois a empresa valoriza a ascensão dos trabalhadores que prioriza a empresa e seu modo de produção, além da formação mecanicista, desprivilegiando os demais para não favorecer a formação de identidade de classe.

Em uma indústria que se utiliza das mais elevadas tecnologias 0.4 mas, na verdade, são os funcionários que ocupam a linha de frente na produção ficando no lugar das máquinas quando quebram, o que demonstra que o trabalho vivo não suplanta o morto, mesmo que o trabalho no capitalismo no século XXI esteja marcado pela eliminação das relações de trabalho, pois são os trabalhadores que dão resposta simples a questões complexas por meio da autonomia e criatividade.

A partir desse estudo abrimos um leque de possibilidades de estudo para compreender as relações de trabalho e das trajetórias de vida em que estes sujeitos se encontram imbricados. Um carro por minuto significa toda uma sociedade subjugada a um modelo econômico exógeno em que os indivíduos não

escolhem, mas são imposto a uma relação que retira a espiritualidade dos sujeitos e transmite a mercadoria destituídos dos seus direitos, das complexidades e dos saberes. Transformando os trabalhadores em cidadão do capital sem haver direito de escolha principalmente se tratando de uma cidade com Goiana de característica religiosa, pesqueira, artesanal e musical conhecida como “Milão brasileiro”, potenciais negados em troca de apenas um modelo de desenvolvimento econômico que mata, exclui e empobrece a região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, D. S. L.; VERSIANI, F. R.; VERGOLINO, J. R. O. Financiamento e Organização do Tráfico de Escravos para Pernambuco no Século XIX. Brasília, DF. **Revista de Economia**, v. 14, n. 1A, p. 211-225, jan./abr. 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

ALMEIDA, F. M. O conceito de trabalho da sociologia. **Revista Espaço Livre**, v. 9, n. 18, jul./dez. 2014.

ALVES, G. **O precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 9. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. Martins Fontes: São Paulo, 2009.

BRANDÃO, Maçal. LIMA, Marcos Costa. REIS, Rossana Rocha. **Regionalismo, Democracia e Desenvolvimento**. PROCAD/CAPES- Departamento de Ciências Política-USP. Departamento de Ciências Política-UFPE. Ed: Humanitas, 2007.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. [Rio de Janeiro]: Guanabara, [1987]. 379 p.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DALMAGRO, S. L.; BAHNIUK, C. A classe trabalhadora e suas lutas no capitalismo contemporâneo: sínteses do debate marxista. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, p. 42-59. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.17i34.p38135>.

DURKHEIM, E. **Da Divisão do Trabalho Social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Fábrica de Jeep e Fiat, em Goiana, passa a operar 24 horas por dia. Site. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/polo-automotivo-jeep-em-goiana-passa-a-operar-em-regime-24-horas.ghtml>. Acesso em: 25 set. 2022.

FECOMÉRCIO. PE Sesc Instituto Fecomércio/SEBRAE. **Perspectivas de Desenvolvimento e Oportunidades do Setor Terciário para o Pólo de Desenvolvimento de Goiana**. S/D.

FILGUEIRAS, V.; CAVALCANTE, S. **O que mudou**: um novo adeus à classe trabalhadora? Uberlândia, MG. 02 mar. 2020. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/o-que-mudou-um-novo-adeus-a-classe-trabalhadora/#:~:text=Por%20Vitor%20Filgueiras%20e%20S%C3%A1vio%20Cavalcante&text=Este%20%E2%80%9Cnovo%20adeus%20%C3%A0%20classe,trabalhadores%20atrav%C3%AAs%20de%20regula%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%ABlicas>. Acesso em: mar. 2020.

FILGUEIRAS, V. A.; OLIVEIRA, R. V.; KREIN, J. D. (Orgs.). **Reforma trabalhista no Brasil**: Promessas e Realidade. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2019.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. 3. ed. Rio de Janeiro/Brasil; Lisboa/Portugal: Editora Fundo de Cultura, 1965.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (descaminhos) do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.

HEES, F. A Industrialização brasileira em perspectivas históricas (1808-1956). **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 18, p. 100–132, jan/jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19892>.

HILTON, R.; DOBB, M.; SWEET, P.; TAKAHASHI, K. **Transição do Feudalismo para o Capitalismo**: um debate. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

KERSTENETZKY, C. L. **O Estado do Bem-Estar Social na Idade da Razão**: a reinvenção do Estado Social no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LADOSKY, M. H. G. **Trabalho e ação sindical na sociedade contemporânea Tradição e modernização das relações de classe em Goiana (PE)**. 39º Encontro Anual da ANPOCS GT 41. [file \(anpocs.com\)](http://anpocs.com)

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

LOPES, J. R. B. **Sociedade Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. 168 p.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, p. 298-300, maio/ago. 2004.

MARX, Karl. **O capital, crítica da economia política, livro I**. Trad. de Reginaldo Sant'Anna.-23º ed.- Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2006.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria Geral da Administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. Edição Compacta.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELO, L. C. **A competição das Empresas Industrial Metal Mecânica Potenciais Subfornecedores da Refinaria de Abreu e Lima em Pernambuco**. 2011. 111f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 2011.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia**: uma introdução crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, F. **Elegia Para uma Re(li)gião**: Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, E. M. **Estrangeirização de Terras e Segurança Alimentar e Nutricional: Brasil e China em Perspectiva**. LIMA, Costa Marcos. Edit. Fasa 1. ed. Recife, 2019.

OLIVEIRA, R. V.; RODGERS, **Desenvolvimento e organização** Helmut T. R. Wagner; trad. de Raquel Weiss.- Petrópolis, RJ: Vozes: 2012.

PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

PINKER, S. **O novo iluminismo**: em defesa da razão, da ciência e do humanismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. pág. 121-149.

AS 500 maiores empresas do Brasil. Rio de Janeiro. **Conjuntura Econômica**, v. 38, n. 9, set. 1984. Edição Especial.

ROSENTHAL, G. **Pesquisa Social Interpretativa**: uma introdução. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROSSO, S. D. **Mais Trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica**: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SÃO PAULO. (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. *In*: Entendendo o meio ambiente. São Paulo, v. 1, 1999. Disponível em: <http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>. Acesso em: 08 mar. 1999.

SCHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e as relações sociais**. São Paulo: Vozes, 2012.

SENNETT, R. **A corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. NET, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <http://www.brasilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>. Acesso em: 28 nov. 1998.

SILVA, M. G.; SOARES, T. N. (orgs.) **Pernambuco na Mira do Golpe. vol. 3 Mundo do trabalho e dos trabalhadores [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS. Edit. FI, 2021. SI

TEIXEIRA, G. C. **A Implantação do Pólo Automotivo de Goiana-PE**. Universidade Federal Fluminense Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Volta Redonda-MG/2017.

TOURINHO NETO, F. C. Dano ambiental. **Consulex**, Brasília, DF, ano 1, n. 1, p. 18-23, fev. 1997.

VERAS, R.; RODGERS, G. (Orgs.). **Regime de Trabalho**: A trajetória do Nordeste do Brasil. São Paulo: Annablume, 2021.

APÊNDICE 1

Quadro: Dados sociais dos municípios da Mata Norte (Polo Goiana)

Cidade	População estimada(2020)	Trabalho e Rendimento médio	População Ocupada	Taxa de Escolarização (6-14 anos)	Índice Per capita(2018)	Índice de Desenvolvimento Humano(2010)	Estabelecimento do SUS	Esgotamento Sanitário(2010)	Urbanização de vias Públicas
Abreu e Lima	100.346	2,0	12,8%	97,2%	R\$17.320,77	0,679	31	44,8%	6,9%
Aliança	38.397	1,5	10,9%	97%	R\$8.207,74	0,604	18	55,8%	4,8%
Araçoiaba	20.733	1,4	8,8%	97%	R\$6.877,90	0,592	9	9,3	13,6%
Camutanga	8.156	1,9	48,6%	97,9%	R\$15.220,35	0,606	10	29,4%	37,1%
Condado	26.590	1,8	7,8%	97,3%	R\$ 8.460,4	0,602	14	3,9%	12,3%
Ferreiro	12.170	1,4	9,0%	97,9%	R\$ 7.832,56	0,622	9	49,3%	26,2%
Goiana	80.055	2,5	29,6%	96,7%	R\$116.122,91	0,651	32	33,5%	14,6%
Igarassu	118.370	2,1	17,2%	97,9%	R\$21.887,47	0,665	36	19,9%	4,4%
Itamaracá	26.672	1,6	6,2%	97,6%	R\$9.654,89	0,653	5	20,5%	0,2%
Itapissuma	26.900	3,0	20,8%	97,6%	R\$59.212,96	0,633	10	25%	7,5%
Itambé	36.471	1,5	10,1%	94,6%	R\$11.700,74	0,575	20	18,4%	12,4%
Itaquitinga	17.006	1,6	4,8%	97,3%	R\$ 7.839,64	0,586	6	9,5%	79,4%
Paulista	334.376	1,8	11,5%	97,9%	R\$12.731,32	0,732	53	60,8%	20,8%
Timbaúba	52.802	1,6	14,4%	97,7%	R\$13.378,85	0,618	27	66,2%	10,5%a

Fonte: IBGE-Cidades (acesso 25/08/2021)

Apêndice 2

Roteiro de Entrevista com os Trabalhadores.

- 1) Fale um pouco sobre sua trajetória de vida: a) local em que nasceu. b) Locais em que cresceu. c) Como foi sua infância e juventude. d) como é sua família?
- 2) Fale como foi sua trajetória profissional: a) como se deu a sua qualificação para o trabalho. b) a partir de qual idade começou a trabalhar. c) Locais/empresas em que trabalhou. d) Funções que desempenhou?
- 3) Como foi sua formação escolar. a) Quais escolas. b) Teve ensino técnico?
- 4) Quando foi que você entrou na empresa que trabalha ou trabalhava? a) Qual o nome da empresa. b) qual a função que desempenha ou desempenhou. c) como se deu a admissão na empresa.
- 5) a) Que horas acorda? b) Seu transporte para a empresa? c) Qual o horário que trabalha? d) Tem intervalo para almoço? e) algum tempo de descanso durante a jornada? f) A empresa tem restaurante?
- 6) Como é a relação com seus superiores. a) você tem metas diárias, semanais ou mensais? b) Está conseguindo cumpri-las? c) Como são realizadas as cobranças?
- 7) Você dirige e coordena a equipe de trabalhadores? a) como é a relação com eles. b) como você organiza o trabalho e cobra resultados? c) ou alguma coisa atrapalha na realização do seu trabalho.
- 8) Como você avalia as relações internas da empresa? a) Existe espírito de cooperação ou competitividade entre os colegas de trabalho? b) o que a empresa valoriza?
- 9) Há ou houve acidente de trabalho na empresa? a) Quais os motivos. b) quais os motivos? c) O ritmo de trabalho está muito intenso? d) Você acha que a empresa pressiona demais os trabalhadores? c) Cobra e pune corretamente os trabalhadores?
- 10) Você é sindicalizado. a) conhece alguém que seja? b) Existe um tratamento diferenciado por parte da empresa para esses?
- 11) Você se sindicaliza? a) acha o sindicato importante. c) No que os sindicatos poderiam contribuir na melhoria do tratamento das empresas com os funcionários?
- 12) Quantos dias da semana trabalha? a) você tem tempo de descanso? b) Há momentos de lazer?
- 13) O que recebe para conseguir pagar suas necessidades?